

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação



“O mundo em ação”
A proposta de ciberativismo da organização Avaaz

Lia Brum Rodrigues

Rio de Janeiro

2009



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

“O MUNDO EM AÇÃO”
A PROPOSTA DE CIBERATIVISMO DA ORGANIZAÇÃO AVAAZ

Lia Brum Rodrigues

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do bacharelado em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro

2009

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia “*O mundo em ação*”: *a proposta de ciberativismo da organização Avaaz*, de Lia Brum Rodrigues, apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do bacharelado em Comunicação Social.

Prof. Dr. Luis Carlos Fridman

Departamento de Sociologia, Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Henrique Antoun

Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Julho de 2009

RESUMO

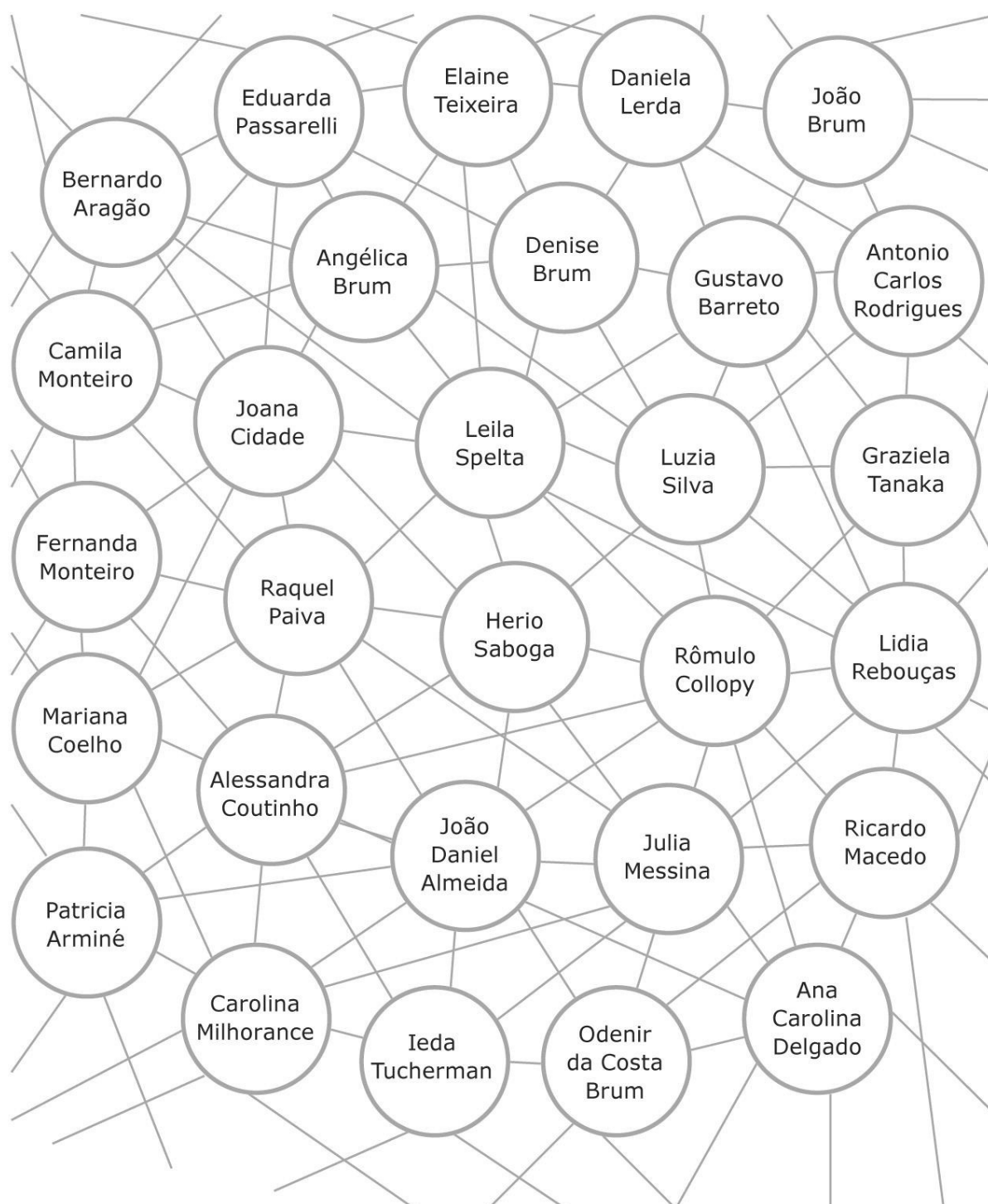
RODRIGUES, Lia Brum. **“O mundo em ação”: a proposta de ciberativismo da organização Avaaz.** Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji. Monografia (Jornalismo). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2009, 58 p.

O presente trabalho monográfico aborda aspectos da mobilização social global propiciada pelas tecnologias contemporâneas de informação e comunicação, por meio do estudo de caso da organização não-governamental internacional Avaaz. Esta convoca indivíduos a se mobilizarem em defesa de causas mundiais a partir do envio de abaixo-assinados eletrônicos (“petições *online*”), e pode ser classificada como uma promotora do ciberativismo, o qual se entende como uma espécie de militância praticada pela internet e se insere em um contexto de emergência de novas formas de relacionamento entre os seres humanos e organização social em rede, em meio à globalização. O estudo de caso envolve uma análise da instituição Avaaz, de seus mecanismos de atuação e de suas relações com as mídias atuais, na tentativa de evidenciar suas potencialidades e limitações.

Palavras-chave: mobilização social – globalização – internet – ciberativismo – organizações não-governamentais — novas mídias

AGRADECIMENTOS

Agradeço a teias que não cabem nesta página de papel.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. MOBILIZAÇÃO SOCIAL

2.1. Conceituação

2.2. Episódios históricos de mobilização social

2.3. O papel da mídia na mobilização social

3. NOVAS INTERAÇÕES

3.1. Globalização

3.2. Desenvolvimento tecnológico

3.3. A internet em um contexto social

4. CIBERATIVISMO: MOBILIZAÇÃO SOCIAL CONTEMPORÂNEA

4.1. Novas formas de ativismo a partir de novas tecnologias

4.2. *Smart mobs*: a transcendência do virtual

4.3. Petições *online*

5. AVAAZ.ORG

5.1. A instituição

5.2. As expressões da “voz” – mecanismos de atuação da Avaaz

5.3. Resultados: cliques ou *clippings*?

6. CONCLUSÃO

7. REFERÊNCIAS

8. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente motivada pela esperança, mesmo que um tanto ingênua, de que é possível tornar o mundo menos desigual por meio do potencial colaborativo das redes sociais contemporâneas, a presente monografia se propõe a investigar de que forma o ativismo de indivíduos conectados à internet é capaz de ter alguma eficácia pragmática, especificamente quando estes tomam como ponto de partida o envio de *e-mails* que convocam à assinatura de abaixo-assinados “virtuais”. Esta modalidade de convocação *online* de cidadãos, por sua vez, é o mecanismo primordial utilizado pela organização não-governamental internacional Avaaz, que foi criada no começo de 2007 com o intuito de “acabar com a brecha entre o mundo que nós temos e o mundo que queremos”¹ e que serve como estudo de caso para esta monografia.

Ao longo deste trabalho, defenderemos a hipótese de que organizações que usam a internet como plataforma de comunicação têm o potencial de mobilizar um grande número de adeptos de forma instantânea e abrangente, o que as torna atores relevantes na promoção de campanhas. Em suas campanhas, tais organizações atingem a sensibilidade e a ética dos indivíduos. Porém, seu grau de alcance para além da esfera individual pode ser limitado, sem que isso, contudo, deslegitime a sua atuação, já que o impulso ao debate de questões relevantes para a sociedade civil global, por si só, pode ser um mecanismo de transformação política.

Ao se lidar com a internet, fonte de informações intensamente mutante e a cada instante atualizada com novas referências, impossíveis de abarcar em sua totalidade, torna-se desafiador definir um recorte de análise com clareza e objetividade. Diante do risco de apresentar um trabalho cujo prazo de validade pode ser bastante curto, escolheu-se abordar a Avaaz a fim de delimitar de forma mais precisa as análises em termos de tempo e espaço. Esta escolha não nos privou, todavia, da flexibilidade metodológica oferecida pela rede, muito pelo contrário: no decorrer desta pesquisa, faz-se uso não apenas de referências bibliográficas tradicionais, mas também de fontes como *websites* (sobretudo o da Avaaz, que será apresentado em maior detalhe) e vídeos disponibilizados *online*, além de uma entrevista pessoal realizada por telefone a uma funcionária da organização estudada. Ademais, eventualmente, quando oportuna e bem-vinda a abertura de uma espécie de licença poética, são tomados como referência alguns textos e depoimentos de *blogs* e *sites* sem grande respaldo acadêmico, mas que denotam como pode ser rica a livre troca de conteúdos na rede.

¹ “Missão democrática” da Avaaz. Disponível em: <http://www.avaaz.org/po/about.php>. Acesso: 4 mai. 2009.

No capítulo inicial deste trabalho, abordaremos a mobilização social em algumas definições teóricas, representações históricas e interações midiáticas, a fim de fundamentá-la como o embrião para emergência do ciberativismo² contemporâneo, no qual se insere o estudo de caso da Avaaz, adiante analisado. Na busca pela conceituação da expressão *mobilização social*, serão apresentadas as perspectivas de Antonio Lino (2006), representante do terceiro setor, e da socióloga Maria da Glória Gohn (2008), além de apontar a definição de movimentos sociais, pertinente também para a compreensão do estudo de caso, por Jorge Alberto Machado (2007), professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

Como o estudo de caso desta monografia tem como (amplo) foco as questões globais, tentaremos traçar paralelos, sempre que possível, com evidências teóricas e históricas no cenário internacional, menos do que em questões locais. Assim sendo, o capítulo inicial da monografia ainda destacará episódios da história recente nos quais se observaram processos de mobilização social que atravessaram fronteiras nacionais, apontados pelas autoras Margaret Keck e Kathryn Sikkink (1998), a saber: a campanha pela abolição da escravatura, os esforços do movimento internacional para garantir o voto feminino, a campanha para erradicar a prática do enfaixamento dos pés femininos na China e o esforço coletivo internacional para dar fim às práticas de circuncisão feminina. Já última seção deste capítulo terá como intuito demonstrar como os meios de comunicação de massa exercem um papel chave no rumo de decisões políticas internacionais, ao disseminarem, dentro das capacidades tecnológicas correspondentes ao contexto em que se inserem, informações sobre realidades distantes, a partir da perspectiva de Thompson (1998).

A seguir, trataremos do contexto específico no qual surgiram as novas formas de comunicação e difusão de informação, que por sua vez permitiram, em interação com a sociedade, a emergência das diferentes modalidades de mobilização social contemporânea, dentro das quais se insere o estudo de caso da Avaaz. Para tanto, serão apresentadas tentativas de compreensão do fenômeno da globalização, o processo de criação das novas tecnologias de informação e comunicação, além de uma análise sobre as potencialidades da internet em um contexto social. Para caracterizar a globalização, serão tomadas como referências obras de

² O ciberativismo pode ser entendido como uma mobilização social global, uma “militância praticada por meio da internet”, e que se diferencia do ativismo presencial tradicional ao usar a estrutura da rede para organizar ações, por meio de canais eletrônicos (CAMPOS, E.: 2006).

autores como Octavio Ianni (1998), Zygmunt Bauman (1999), Boaventura de Sousa Santos (2002) e Jan Aart Scholte (2002).

Na seção seguinte do mesmo capítulo, em complemento à descrição do contexto da globalização, adotaremos o posicionamento de Castells (2008), segundo o qual a revolução tecnológica atual foi uma ferramenta básica para a reestruturação global do capitalismo, já que deste processo de transformação emergiu uma sociedade capitalista e informacional. Não nos caberá, contudo, examinar em detalhe as tecnologias de informação e comunicação desenvolvidas, mas sim as relações sociais delas decorrentes, tal como o potencial emancipatório que proporcionam ao conquistarem o espaço da rede mundial de computadores.

Em consonância com tal perspectiva, o capítulo seguinte se debruçará sobre o ciberativismo, e destacará como alguns movimentos sociais vêm se articulando na internet em meio a uma multiplicidade de vozes. Para isso, retornaremos ao texto de Jorge Alberto Machado (2007), que traça uma tipologia dos movimentos sociais articulados em rede, elencada em dez características comuns. Ademais, o capítulo em questão oferecerá exemplos de circunstâncias em que os movimentos sociais articulados na internet conseguem transcender os limites do espaço *online*, nas chamadas *smart mobs*, além de analisar em maior detalhe como funciona a ferramenta das petições *online*, utilizada amplamente como ponto de partida para as ações da Avaaz, que será o tema principal do capítulo subsequente.

O último capítulo desta monografia, por sua vez, se propõe a esmiuçar o funcionamento institucional da organização Avaaz em sua breve história de pouco mais de dois anos – sua estrutura de pessoal, sua rotina de trabalho, suas fontes de financiamento – bem como os mecanismos por ela utilizados na estruturação de suas campanhas. Estes envolvem, a partir do princípio de disseminação “viral” da rede, a convocação de indivíduos para que não apenas assinem as petições *online*, como também realizem doações financeiras em prol de causas globais, em transações facilitadas pelas ferramentas do comércio eletrônico. Nas mensagens que veicula para motivar o ativismo *online*, nota-se que a Avaaz utiliza intensivamente as matérias jornalísticas de grandes veículos da imprensa local ou internacional como forma de dar credibilidade a seus argumentos. Por fim, serão expostas ponderações sobre como são medidos os resultados da Avaaz – com destaque para sua pretensão de pautar a mídia tradicional por meio de estratégias familiares às assessorias de imprensa – além de uma reflexão sobre as potencialidades e os limites de suas ações.

2. MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Neste capítulo inicial, abordamos a mobilização social em algumas definições teóricas, representações históricas e interações midiáticas, a fim de fundamentá-la como a base para fenômenos contemporâneos como o ciberativismo³, no qual se insere o estudo de caso da Avaaz, adiante analisado.

2.1. Conceituação

“Mobilização é poder”, diz o *slogan* da MovieMobz⁴, comunidade na internet que permite que indivíduos influenciem a programação das salas de cinema no Brasil. A comunidade é uma entre infinitas manifestações de articulação da sociedade propiciadas pela conexão à rede mundial de computadores. Não nos cabe aqui analisar a MovieMobz em detalhe, porém a definição breve e impactante que seu *slogan* dá à mobilização pode servir como um oportuno ponto de partida para a presente monografia.

De fato, mobilização e poder estão intimamente relacionados, sobretudo se levamos em conta a interpretação aqui adotada, da mobilização enquanto fenômeno social, ou seja, que se manifesta a partir da coexistência com a sociedade. Nesta abordagem, destaca-se a importância do papel dos indivíduos na realização da história, fazendo com que a mobilização social se torne uma condição imprescindível para a transformação da realidade (RAMOS: 2005, 96). A ideia de transformação está contida até mesmo no significado da palavra mobilização: “ato de mobilizar”, verbo por sua vez definido como “pôr em movimento” (ROCHA: 2001, 412).

De maneira normativa, Antonio Lino (2006) parte da própria definição do verbete “mobilização” para conceituá-la enquanto um processo que deve ser estimulado, e estabelece diretrizes para que ele seja empreendido de forma a provocar transformações efetivas na sociedade. De acordo com o fundador da ong Aracati – Agência de Mobilização Social, a mobilização social comumente remete a imagens de manifestações públicas coletivas, como

³ O ciberativismo pode ser entendido como uma mobilização social global, uma “militância praticada por meio da internet”, e que se diferencia do ativismo presencial tradicional ao usar a estrutura da rede para organizar ações, por meio de canais eletrônicos (CAMPOS, E.: 2006). No quarto capítulo do presente trabalho, dedicaremos maior atenção ao ciberativismo e às formas como ele se manifesta na sociedade contemporânea.

⁴ www.moviemobz.com. Acesso: 2 abr. 2009.

protestos e passeatas em locais públicos. Estes eventos motivam a participação das pessoas, à medida que criam um sentimento de que “todos estamos no mesmo barco”; no entanto, tais reuniões presenciais, para que constituam de fato a mobilização social, devem estar inseridas em um processo de transferência dos princípios expostos nesses momentos específicos para o cotidiano de cada participante. Neste processo, a quantidade de pessoas mobilizadas é um fator positivo, mas que não garante, por si só, a geração de mudanças sociais, as quais dependem, por sua vez, de um maior grau de comprometimento das pessoas envolvidas com determinada causa. Além disso, o processo de mobilização social deve ter não apenas metas de curto prazo, mas também precisa visar à construção de um projeto de futuro com objetivos definidos. Neste contexto, define-se a participação em um processo de mobilização como um ato simultâneo de paixão e de razão, em que vínculos emocionais e afetivos a determinadas causas se conjugam a um envolvimento consciente de cidadãos. O autor destaca, ainda, o papel chave da comunicação na mobilização social, tanto em aspectos mais pragmáticos, como ações de divulgação e propaganda (panfletos, cartazes, *outdoors*), quanto em seu sentido mais amplo, que pressupõe relações de diálogo entre as pessoas.

Lino explica que a gênese de todo processo de mobilização social reside no momento em que determinadas pessoas, grupos ou organizações compartilham suas inquietações e sonhos com uma comunidade maior, e nela encontram identificação. A partir da perspectiva do autor, depreende-se que a mobilização social é a ação que impulsiona os movimentos sociais. Estes devem contar com três elementos fundamentais: a convergência na perseguição de objetivos comuns; o “empoderamento”, que consiste em colocar o poder decisório nas mãos de cada ser humano, visto como sujeito, e não espectador da história; e a irradiação, que significa a desconcentração desse poder de decisão em termos de “abrangência quantitativa, ou seja, que cada vez mais gente (centenas, milhares, milhões de pessoas) desperte para o exercício da participação social”, pluralidade (representação de diferentes pessoas de todos os setores sociais) e organização (fortalecimento do tecido social com a formação de redes, fóruns e organizações) (LINO: 2006, 5-6).

No entanto, embora pragmática, a conceituação de Lino para a mobilização social pode nos levar a interpretar a expressão de forma complementar, como um termo que explica as ações de um movimento social. Esta incompletude é notada por Maria da Glória Gohn (2008), que ressalta que a mobilização social jamais recebeu um tratamento específico nos manuais e dicionários do pensamento social do século passado. A autora junta esforços para preencher esta lacuna conceitual, e trata a mobilização social como categoria de análise para compreender a sociedade:

(...) mobilização social é um processo político e cultural presente em todas as formas de organização das ações coletivas. Ela tem diversos sentidos, segundo a fonte ou o campo onde se articula sua organização, ou seja, em movimentos sociais, em ONGs isoladas ou atuando em redes e por meio de políticas públicas estatais. (GOHN: 2008, 448)

Dentre os significados para mobilização identificados pela socióloga, destacam-se a sua aplicação primordial na linguagem militar, que associou o termo à convocação de tropas e à preparação de uma população para enfrentar uma guerra⁵, bem como os sentidos político e social apontados pelo Dicionário de Política (PASQUINO: 1986, 765-766): enquanto o primeiro sinaliza um processo de ativação das massas, que pode ser empreendido por governantes ou líderes da sociedade civil, o segundo está relacionado com “ativações que visam à mudança de comportamentos ou adesão a dados programas ou projetos sociais”, que compreende aquisições de novos valores e acesso aos meios de inclusão social (GOHN: 2008, 448). Ambos remetem à ideia de participação e engajamento em ações coletivas.

Citado tanto por Lino quanto por Gohn, o colombiano José Bernardo Toro traz outra definição para a mobilização social: “o envolvimento ativo do cidadão, da organização social, da empresa, nos rumos e acontecimentos em nossa sociedade. Ela se traduz em pequenas ou grandes ações e pode ser desempenhada de diferentes formas” (TORO *apud* GOHN, 2008, p. 449). O autor percebe a mobilização social como uma ferramenta de “convocação de vontades”, praticada por atores por ele nomeados de “produtores e re-editores sociais”. Estes colocam em prática a implantação e o desenvolvimento de processos participativos locais, desenvolvendo processos de comunicação direta, formulando mensagens claras e criando “imaginários sociais que despertem o desejo de engajamento nas pessoas”. Nesta perspectiva, a mobilização é entendida como a gênese dos movimentos sociais, o seu ponto de partida, e não o contrário, o que vai ao encontro do que propõe Lino. Assim, a mobilização e o engajamento das pessoas tornam-se a via para resolver diretamente os problemas sociais, e é esta abordagem que fundamenta, inclusive, as ações coletivas propostas por uma série de ONGs (GOHN: 2008, 450).

Por outro lado, os movimentos sociais já contam com uma gama maior de definições, dentre as quais se torna válido apontar, para que possamos compreender melhor os fenômenos adiante apresentados, aquela escolhida pelo professor Jorge Alberto Machado:

⁵ Gohn chama atenção para a recente “Lei de Mobilização Nacional” (Lei 11.631, de 12/2007), ligada ao Ministério da Defesa, que dá origem ao SINAMOB-Sistema Nacional de Mobilização e concede ao governo, “mediante aval do Congresso, o caminho legal para convocar civis em caráter de urgência, assim como requisitar e ocupar bens e serviços, para a defesa da soberania nacional” (GOHN: 2008, 448).

(...) formas de organização e articulação baseadas em um conjunto de interesses e valores comuns, com o objetivo de definir e orientar as formas de atuação social. Tais formas de ação coletiva têm como objetivo, a partir de processos freqüentemente não-institucionais de pressão, mudar a ordem social existente, ou parte dela, e influenciar os resultados de processos sociais e políticos que envolvem valores ou comportamentos sociais ou, em última instância, decisões institucionais de governos (MACHADO: 2007, 252).

O autor esclarece como a concepção dos movimentos sociais passou por uma transição na história recente: de lutas radicais de cunho revolucionário que se impunham contra políticas públicas até os anos 1970, os movimentos sociais começaram, nas últimas décadas, a se afastar do caráter de luta de classes característica dos grupos sindicais e camponeses, abrindo mais espaço para temas mais universais como o fim das guerras, a igualdade de gênero, a preservação do meio ambiente, o controle de armas nucleares, a liberdade de expressão, a direito à diversidade cultural, uma distribuição mais justa dos benefícios sociais da economia global, entre outros. Esta transição coincidiu, por sua vez, com “o aprofundamento dos mecanismos e instituições democráticas nas sociedades ocidentais capitalistas”, e passou a demonstrar uma maior cooperação com o sistema econômico e as instituições vigentes (MACHADO: 2007, 252-253).

Isto não significa, contudo, que os movimentos sociais tenham se tornado menos legítimos, apenas que eles se constituem não somente pela existência de um adversário, mas também por aspectos identitários que se vinculam “ao crescente multiculturalismo das sociedades contemporâneas e ao incremento da possibilidade de agenciamentos do indivíduo em relação ao amplo arco de interesses, relacionamentos e visões do mundo às quais é confrontado”. Assim, os “novos” movimentos sociais podem, inclusive, contribuir para “constituir legitimamente a base de muitos dos mecanismos de pressão para o aperfeiçoamento das instituições democráticas” (MACHADO: 2007, 257-258).

“Novos” ou pioneiros, os movimentos sociais têm em comum o fato de se pautarem pelo ativismo, definido em termos conceituais pela jornalista Emilene Campos como “qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade, em detrimento da atividade exclusivamente especulativa”, “iniciativas que buscam soluções para os desafios da vida coletiva” (CAMPOS, E.: 2006, 39).

2.1. Episódios históricos de mobilização social

Embora a mobilização social seja uma expressão ainda pouco explorada teoricamente, conforme exposto na seção anterior, é possível associá-la a episódios da história moderna e recente, até mesmo em consonância com valores mais universalistas dos “novos” movimentos sociais. Traços de mobilização social são identificados a partir do momento em que a sociedade civil começou a conquistar certo protagonismo à época do desenvolvimento do capitalismo mercantil, no século XVI:

Entre o domínio da autoridade pública ou o estado, de um lado, e o domínio privado da sociedade civil e das relações pessoais, de outro, surgiu uma nova esfera de “público”: a esfera pública burguesa que consistia de indivíduos que se reuniam privadamente para debater entre si as normas da sociedade civil e da condução do estado. Esta nova esfera pública não fazia parte do estado, mas pelo contrário, era uma esfera em que as atividades do estado poderiam ser confrontadas e sujeitas à crítica. O meio para esta confrontação era em si mesmo significativo: o uso público da razão, articulada por indivíduos comprometidos na discussão que era *em princípio* aberta e irrestrita (THOMPSON: 1998, 67).

Manifestações mais amplas da mobilização coletiva de indivíduos, no entanto, remontam ao século XIX e início do século XX, como identificam Keck & Sikkink (1998) em sua análise sobre a origem das redes transnacionais de ativismo. O primeiro exemplo mencionado pelas autoras é a campanha pela abolição da escravidão nos Estados Unidos, empreendida entre 1833 e 1865. O movimento começou demandando a abolição do tráfico de escravos. Em seguida, promoveu a emancipação dos escravos, e ao longo de um século, conseguiu se disseminar pelo mundo e por fim a um sistema de trabalho erigido ao longo de três mil anos. Durante um longo período, historiadores e cientistas políticos discutiram se a abolição da escravidão foi resultado de pressões econômicas ou morais, e revisões históricas cuidadosas indicam que motivações econômicas não explicam o fim da escravidão, pois esta era de fato lucrativa, eficiente e economicamente viável. Atualmente, defende-se o argumento de que a ascensão do capitalismo e as mudanças no mercado contribuíram para uma mudança de percepções e convenções sobre a responsabilidade moral, associada a novas formas de associação, a comunicações mais regulares entre centros e periferias e à difusão da imprensa.

Na Inglaterra, cerca de 400 mil pessoas assinaram petições contra o tráfico de escravos entre 1791 e 1792 (quase 10% da população adulta); em 1814 os abolicionistas conseguiram aumentar esse número para 750 mil (12,5%), alcançando quase 15% da população adulta em 1833. Nos Estados Unidos, o aumento de apoio ao movimento foi proporcional, e estima-se que em 1838 havia cerca de 1350 sociedades locais contra a escravidão, reunindo até 250 mil

membros. O movimento também contava com um forte apelo religioso e filantrópico, característico de grupos como os metodistas e presbiterianos, e ainda era influenciado pelas ideias iluministas de liberdade e igualdade. Os grupos abolicionistas nos Estados Unidos e na Inglaterra se comunicavam constantemente, o que era facilitado pelo idioma comum, e compartilhavam formas de organização e estratégias de atuação, como mobilização de petições, boicote a produtos produzidos por escravos e publicações de jornais e livros que denunciavam as condições de vida dos escravos⁶. Pouco a pouco, o movimento foi conquistando adeptos dentro do parlamento inglês e posteriormente no congresso estadunidense. Em 1862, em meio à guerra civil nos EUA, a Proclamação de Emancipação do presidente Abraham Lincoln deu força ao movimento abolicionista, evidenciou a dimensão moral do conflito e abriu caminho para uma campanha pela emancipação da sociedade e posterior unificação do país, com o fim do uso da mão-de-obra escrava. (KECK & SIKKINK: 1998, 42-50).

Outro exemplo de mobilização social iniciado antes da virada para o século XX foram os esforços do movimento internacional para garantir o voto feminino, entre 1888 e 1928, que teve suas raízes no envolvimento de mulheres nas organizações abolicionistas acima mencionadas. Além das discussões de abolicionistas que não consideravam a libertação de escravas (apenas de escravos), uma das motivações para a organização do movimento pelo sufrágio feminino surgiu em uma conferência contra a escravidão realizada em 1840, na qual foram negados assentos às mulheres. Na época, votar era uma atividade exclusiva dos homens, e outras questões até hoje presentes no debate feminista, como propriedade, divórcio, remuneração e acesso a educação e trabalho, eram tidas como menos polêmicas. Porém, da mesma forma que os abolicionistas, a maioria das sufragistas tinha motivações religiosas, e muitas vezes acentuavam as diferenças entre homens e mulheres para defender seu voto, em grande medida conservador – algo mais alinhado à defesa dos bons costumes do que à igualdade de gênero.

Embora organizações locais pelo voto feminino já existissem previamente, apenas em 1904 foi formada a Associação Internacional pelo Sufrágio Feminino (IWSA, por sua sigla em inglês), responsável por lançar uma campanha internacional pelo voto baseada em

⁶ Um dos exemplos mais célebres destas publicações é o romance *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, inicialmente lançado como série em um jornal abolicionista. No primeiro ano de sua edição, o livro vendeu 300 mil exemplares nos EUA, e mais de um milhão de cópias na Inglaterra em 1852. Com o sucesso do livro, a autora conseguiu arrecadar mais de 20 mil libras para a causa abolicionista. (KECK & SIKKINK: 1998, 47)

princípios iluministas de igualdade de direitos. Em 1907, o sufrágio universal se tornou uma demanda fundamental dos partidos socialistas, cujas mulheres cooperavam de forma extensiva com as “sufragistas burguesas”, superando supostas clivagens ideológicas. Outra manifestação emblemática do movimento pelo voto feminino foi a atuação das chamadas *suffragettes*, que materializavam suas demandas por meio de manifestações nas ruas, desobediência civil e até mesmo táticas violentas, o que as conduzia à prisão, onde elas realizavam em greves de fome. Nesse ínterim, a IWSA promovia reuniões internacionais, durante as quais a militância *suffragette* tinha a oportunidade de se propagar. Em 1926, em seu décimo congresso, a associação já contava com representantes de quarenta e dois países. Nos intervalos entre cada reunião internacional, que duravam cerca de dois anos, as ativistas se visitavam, além de manter contato por meio de cartas, livros e panfletos trocados pelo correio. Assim, mesmo que vivessem em realidades distintas, elas desenvolviam uma forma de pensar e uma linguagem comuns, que encorajavam o sentimento de solidariedade. A maioria dos países concedeu às mulheres o direito ao voto algumas décadas depois que seus grupos de mulheres se organizaram com um foco bem estabelecido. Em menos de cinquenta anos, quase todos os países no mundo concederam às mulheres o direito de votar, e conforme novos países foram se formando com as descolonizações, já incorporavam este direito devido à contribuição das mulheres nos movimentos de independência (KECK & SIKKINK: 1998, 51-58).

As autoras ainda tratam de dois exemplos no despertar do século vinte de mobilização social com foco nas mulheres: a campanha para erradicar a prática do enfaixamento dos pés femininos na China, entre 1874 e 1911, e o esforço coletivo, empreendido por missionários ocidentais e autoridades coloniais britânicas para dar fim às práticas de circuncisão feminina entre a tribo *Kikuyu*, no Quênia, entre 1920 e 1931. Hoje, ambas as práticas, que têm fortes raízes culturais, são enquadradas internacionalmente como violência contra as mulheres.

A prática de enfaixamento dos pés na China esteve associada à ideia de beleza durante três dinastias, ao longo de quase mil anos, em que se acreditou que os pés pequenos seriam a garantia de um bom casamento. Na autobiografia *Cisnes Selvagens*, Jung Chang descreve o procedimento pela experiência de sua avó, cujos pés tinham oito centímetros:

Os pés de minha avó foram enfaixados quando ela completara dois anos. A mãe, que tinha ela própria os pés enfaixados, primeiro enrolou um pedaço de pano branco de uns seis metros de comprimento em torno dos pés dela, dobrando todos os dedos, com exceção do dedão, para dentro, sob as solas. Depois colocou uma grande pedra em cima para esmagar o arco. (...) O processo durava vários anos. Mesmo depois de quebrados todos os ossos, os pés tinham de ser enfaixados dia e noite com pano grosso, porque assim que eram soltos tentavam recuperar-se. Durante anos minha

avó viveu com dores constantes e excruciantes. Quando implorava à mãe que desamarrasse as faixas, a mãe chorava e dizia-lhe que os pés desatados arruinariam toda a sua vida, e que fazia aquilo para a futura felicidade dela. (CHANG: 2006, 33-34)

Em relação à circuncisão feminina (termo usado na época, com sinônimos como excisão feminina e clitoridectomia, e hoje tido como eufemismo para mutilação genital), as origens não são muito claras: há evidências de que ela começou a ser praticada pelos antigos egípcios, e posteriormente em demais grupos sociais na África e em partes do Oriente Médio, mais como uma questão cultural do que religiosa. Na cultura *Kikuyu*, as cerimônias que envolvem esta prática apresentam paralelos com a circuncisão masculina, pois marcavam a transição da infância para a vida adulta. Assim como o enfaixamento, a mutilação é uma prática passada de mãe para filha e está associada ao controle da sexualidade feminina e de seu poder sobre a reprodução. Enquanto as mulheres chinesas eram confinadas ao domínio doméstico pela literal impossibilidade de locomoção, as mulheres mutiladas são tolhidas diretamente em sua sexualidade por meio da remoção do clitóris, além de ficarem altamente expostas a doenças infecciosas.

Um movimento vigoroso contra o enfaixamento originou-se na China no final do século XIX entre os estrangeiros que frequentavam os portos do país e espalhavam ideias ocidentais, logo encampadas pelos intelectuais e políticos nativos. O movimento por amplas reformas políticas e culturais – dentre elas o fim do enfaixamento – difundia suas mensagens por meio de sociedades de estudo e publicações periódicas. A campanha contava com o apoio de missionários ocidentais que tinham como alvo os chineses cristãos e de outros ocidentais que lideravam um discurso para as elites chinesas não-cristãs, que eram também o alvo dos reformistas chineses. Além disso, houve uma mobilização em massa de famílias cujos filhos passavam a manifestar o desejo de casar apenas com mulheres que não tivessem os pés enfaixados, invertendo a lógica milenar, e ainda a iniciativa de uma organização chamada “Sociedade do Pé Natural”, que promovia reuniões entre as mulheres e traduzia documentos ocidentais para o chinês. Em 1911, enfaixamento foi banido por decreto, antes mesmo de serem alcançadas outras significativas reformas políticas e culturais na China. Uma demonstração evidente da rápida mudança social foi a porcentagem de meninas em Pequim com pés enfaixados de acordo com o ano de seu nascimento: entre aquelas nascidas antes de 1890, a proporção era de 99,2%, passando para 59,7% entre 1905 e 1909, 19,5% entre 1910 e 1914, até chegar a nenhum caso registrado após 1919. (KECK & SIKKINK: 1998, 64). As autoras relatam que neste intervalo não ocorreu nenhuma mudança econômica ou industrial

que justificasse por um viés materialista (por exemplo, pela necessidade de mão-de-obra feminina) para o fim do enfaixamento, e defendem que a razão para a mudança foi uma organizada campanha política e moral, defendida não apenas na China, mas internacionalmente.

Já os esforços organizados contra a circuncisão feminina no Quênia começaram a ser verificados na década de 1920, quando missionários protestantes escoceses proibiram a prática entre seus convertidos e começaram a protestar contra ela. Não há registros de oposição interna ao procedimento antes da chegada dos estrangeiros, porém desde este momento as comunidades *Kikuyu* revelaram-se mais receptivas aos ensinamentos dos missionários e apresentaram maiores índices de conversão ao cristianismo do que demais comunidades africanas onde também se observava a mutilação. Ou seja, havia um reconhecimento local dos missionários enquanto lideranças legítimas. Suas estratégias de campanha consistiam, por exemplo, em recusar meninas circuncidadas nas escolas, além de suspender os membros da igreja que exigiam que as meninas de sua família fossem submetidas à prática. Os argumentos dos missionários contra a circuncisão residiam no caráter não-cristão da intervenção cirúrgica, cujos rituais eram pagãos e impregnados de sexualidade, além de serem perigosos.

Na maioria das vezes, as mulheres eram representadas por homens *Kikuyu* educados pelos missionários, e não participavam dessas discussões, que tinham como pano de fundo uma oposição crescente às práticas colonialistas britânicas. Este contexto provocou certa cisão política no movimento contra a circuncisão feminina, pois ao mesmo tempo em que as lideranças aderiam a valores ocidentais, também defendiam a preservação de práticas culturais tradicionais. Assim, a campanha contra a circuncisão feminina passou a ser interpretada pelos nacionalistas quenianos como antagônica ao movimento de independência, tornando-se um símbolo das tentativas coloniais para impor valores e regras externos à população. Ao longo de décadas, inclusive após a independência, em 1963, a polêmica da mutilação permaneceu acalorada na sociedade queniana. Ainda assim, mesmo que distante das metas idealizadas pelos missionários europeus, verificou-se uma lenta e gradual redução da prática no país para metade da população da feminina, que é significativa quando colocada em perspectiva com outros países do continente, onde a proporção de mulheres mutiladas pode chegar a mais de 90%. (KECK & SIKKINK: 1998, 66-72).

Se por um lado os movimentos citados compartilham componentes de mobilização social, por outro, todos eles foram alvo de críticas por não haverem conseguido provocar mudanças integrais ou dado conta de todo o escopo de seus temas. Na China, o fim do

enfaixamento dos pés não conseguiu poupar as mulheres de outros sofrimentos, como os casos de infanticídio feminino e concubinagem; no Quênia, não foi possível realizar uma campanha mais abrangente que afetasse demais grupos culturais que também praticam a mutilação genital feminina⁷; enquanto a exploração de trabalhadores permaneceu por meio do pagamento de salários infames e tratamentos hostis mesmo após a abolição da escravatura, e a conquista do voto universal feminino não cessou a subordinação das mulheres na sociedade, nem no ambiente doméstico (KECK & SIKKINK: 1998, 40). Estas críticas são válidas, não para provocar desilusões, mas para que tenhamos condições de ponderar os limites de transformação social das mobilizações em massa, que persistem até a contemporaneidade.

2.3. O papel da mídia na mobilização social

No filme *Hotel Ruanda* (2004), que reconstitui o ápice da guerra entre as etnias hutu e tutsi no território ruandês em 1994, há uma cena em que o personagem do ator Joaquin Phoenix, jornalista enviado para o local a fim de cobrir o genocídio, desabafa sobre impotência de seu trabalho para a resolução do conflito. Em sua fala, ele diz que as violentas imagens que acabara de capturar, com pessoas se matando a facadas, embora fossem contundentes, seriam vistas por famílias ocidentais em telejornais exibidos durante seus jantares. Estes telespectadores ficariam chocados, de fato, mas logo em seguida voltariam a comer e esquecer-se-iam do assunto, e não haveria perspectiva de modificar a situação.

Na Ruanda de 1994, conforme se informa no filme, em apenas três meses cerca de 800 mil pessoas foram mortas, a maioria pertencente à etnia tutsi. Não nos cabe avaliar aqui o papel da mídia no conflito específico de Ruanda, mas a cena ilustra um dilema corriqueiro do jornalismo na cobertura de eventos coletivos violentos, quando a potencial capacidade que os meios de comunicação em massa têm de influenciar a opinião pública e provocar mudanças sociais e políticas esbarra no mero choque de telespectadores por meio de denúncias espetacularizadas, que conduzem à banalização ou à inação. Este dilema conduz a questionamentos existenciais e morais do fazer jornalístico e influencia motivações profissionais. Qual é o papel dos meios de comunicação na transformação da realidade política e social?

⁷ Até hoje a prática é realizada, principalmente em países da Ásia, do Oriente Médio e da África. Estima-se que cerca de três milhões de meninas ainda correm o risco de serem submetidas à mutilação genital (UN: 2008).

Evidentemente, em eventos violentos que envolvem multidões, sobretudo no plano internacional, há uma série de fatores e atores em jogo, e não é possível responsabilizar exclusivamente a mídia pelo curso dos acontecimentos. Por outro lado, não se deve ignorar o potencial de transformação que se concentra na possibilidade de informar milhões de pessoas ao redor do mundo ao mesmo tempo sobre causas que de alguma forma dizem respeito à humanidade. Assim, esta seção pretende demonstrar como os meios de comunicação de massa exercem um papel chave no rumo de decisões políticas, ao disseminarem, dentro das capacidades tecnológicas correspondentes ao contexto em que se inserem, informações sobre realidades distantes.

Na Europa do século XVII, os primeiros jornais impressos de que se tem registro traziam informações periódicas sobre eventos que aconteciam justamente em lugares distantes de seus leitores, como batalhas da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), mesmo que exclusivos às fronteiras europeias, conforme relata Thompson (1998):

Os indivíduos que liam estes jornais, ou escutavam sua leitura por outros, ficavam conhecendo fatos (...) que eles nunca poderiam testemunhar diretamente, em lugares que eles certamente nunca iriam visitar. Por isso a circulação destas formas primitivas de jornal ajudou a criar a percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato dos indivíduos, mas que tinha alguma relevância potencial para suas vidas (THOMPSON: 1998, 65)

Esta “relevância potencial” para as vidas dos indivíduos à qual Thompson se refere pode ser considerada como um embrião para a influência da mídia na opinião pública. O autor defende o argumento de que os indivíduos recebem, usam e incorporam os produtos de mídia em suas vidas de acordo com o contexto social em que estão inseridos, e atenta para certo exagero da teoria da cultura de massa, formulada por Horkheimer e Adorno, em relação à passividade individual no processo de recepção (THOMPSON: 1998, 72).

O professor da Universidade de Cambridge cita casos de como a mídia pode ser instrumentalizada para provocar a mobilização social de diferentes maneiras, de acordo com circunstâncias específicas. Refere-se, por exemplo, a líderes políticos, que se utilizam dos canais de difusão de informação para se dirigirem diretamente ao povo, de cujo apoio dependem em última instância. Ou então, a grupos paramilitares que buscam chamar a atenção de ausentes para suas causas por meio de ações que atraiam a cobertura jornalística (sequestros, por exemplo) e que, conseqüentemente, podem exercer pressão indireta sobre governos ou lideranças políticas. Em suas palavras, “o núcleo de tais ações é conseguir um grau de visibilidade na arena política global, onde a possibilidade de ser visto e ouvido depende da capacidade de atrair a câmera de televisão” (THOMPSON: 1998, 98).

As ações da mídia podem dar origem ao que Thompson chama de “formas conjuntas de ação responsiva”, que se relacionam à maneira semelhante como os indivíduos reagem a uma determinada mensagem veiculada pelos meios de comunicação de massa, e que podem provocar mudanças na sociedade. Em termos práticos, uma ação responsiva conjunta é resultante de certo grau de coordenação adquirido à medida que os receptores discutem as mensagens em seus ambientes sociais imediatos, fazendo com que os pontos de vista e as ações dos outros influenciem comportamentos e, até certo ponto, ela é o resultado não intencional de uma mensagem da mídia (THOMPSON: 1998, 102-103).

A seguir, o professor reitera a importância que a mídia desempenha na mobilização social em momentos nos quais “se as imagens e informações mediadas não tivessem chegado aos receptores, as formas de ação coletiva não se teriam manifestado da mesma forma, na mesma extensão e com a mesma rapidez” (THOMPSON: 1998, 104). Este argumento é ilustrado pelos casos da cobertura das guerras do Vietnã e do Golfo, das convulsões revolucionárias no Leste Europeu em 1989 e dos desdobramentos do protesto na Praça Tiananmen no mesmo ano.

Ao tornar disponíveis aos indivíduos imagens e informações de acontecimentos em lugares muito além de seus ambientes sociais imediatos, a mídia pode estimular ou intensificar formas de ação coletiva difíceis de controlar com os mecanismos de poder estabelecidos (THOMPSON: 1998, 105-106).

O primeiro grande envolvimento militar estadunidense que recebeu cobertura televisada foi a guerra do Vietnã, cujas imagens impactantes de bombardeios e pessoas feridas “despertaram e alimentaram a controvérsia nos Estados Unidos sobre a legitimidade da intervenção, e forneceram aos indivíduos razões prontamente disponíveis para protestar” (THOMPSON: 1998, 104). Contrariamente, em uma espécie de resposta à experiência do Vietnã, de onde os Estados Unidos saíram altamente desmoralizados, na guerra do Golfo as lideranças militares estadunidenses tentaram controlar o acesso dos jornalistas a Bagdá, e verificaram-se processos menos intensos de mobilização social.

Já no caso do Leste Europeu no final da década de 1980, Thompson defende que as imagens fornecidas pela televisão, que retratavam aos cidadãos das repúblicas socialistas as condições de vida contrastantes do ocidente e descreviam o que estava acontecendo em nações vizinhas, funcionaram como mola propulsora para a mobilização social, cujas ações emblemáticas, como o apoio popular à derrubada física do muro de Berlim e a manifestação em Praga que sofreu forte repressão pela polícia local, por sua vez, também contaram com

intensa cobertura midiática (THOMPSON: 1998, 105), dando origem a um ciclo de midiaticização e resposta coletiva.

O conhecido Massacre da Paz Celestial, como passou a ser chamado o protesto realizado na Praça Tiananmen, em Pequim, após o exército chinês ter aberto fogo contra os manifestantes, também teve forte influência da mídia, segundo a opinião de Thompson. O autor argumenta que os programas de televisão transmitidos na China durante a década de 1980 criaram um “reservatório cultural de visões alternativas, encorajando as pessoas a questionar valores tradicionais e interpretações oficiais, e ajudando-as a imaginar maneiras alternativas de viver”. Apesar destes produtos da indústria cultural não terem provocado diretamente a vultosa mobilização pública, o autor aposta que ela não teria tido os desdobramentos que tiveram ou seria testemunhada pelo mundo, se não houvesse a cobertura televisiva (THOMPSON: 1998, 158).

A partir destes exemplos, o autor nos conduz à conclusão de que “a mídia se envolve ativamente na construção do mundo social”, além de desempenhar “um importantíssimo papel no controle do fluxo dos acontecimentos”, ao controlar o fluxo de imagens e informações (THOMPSON: 1998, 106). É válido ter cautela, contudo, para que esta conclusão não condicione uma visão excessivamente utópica do papel da mídia na mobilização social. A referência inicial ao dilema do jornalista em Ruanda, embora ficcional, não foi gratuita: ela nos serve como lembrete para lidar com as constantes contradições que envolvem a comunicação social e que permeiam todo este trabalho.

Por fim, cabe destacar também que o ativismo de mídia tornou-se presente em quase todas as manifestações sociais na atualidade, o que faz com que seja praticamente impossível encontrar uma forma de mobilização social contemporânea que não seja midiaticizada. De acordo com o próprio Thompson (1998, 72), é preciso “repensar o significado do caráter público hoje, num mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações”. Neste contexto, os indivíduos interagem entre si e observam eventos de forma cada vez mais intensa, sem que precisem compartilhar o mesmo ambiente espaço-temporal, o que passa ameaçar o jornalismo tradicional enquanto “*locus* privilegiado de difusores dos bons costumes e da ética pública, decorrente da profissionalização da atividade jornalística no final do século XIX na Inglaterra e nos Estados Unidos” (CAMPOS, G.: 2007, 11). Tais condições acabam por conferir à opinião pública, edificada a partir de uma diversidade cada vez maior de pontos de vista, um potencial de mobilização através de todo o planeta. É sobre esta reflexão acerca das novas interações midiáticas e das condições que as propiciaram que nos debruçamos nos capítulos seguintes.

3. NOVAS INTERAÇÕES

O capítulo em questão abordará em que contexto surgiram as novas formas de comunicação e difusão de informação, que por sua vez permitiram, em interação com a sociedade, a emergência das diferentes modalidades de mobilização social contemporânea, dentro das quais se insere o estudo de caso da Avaaz. Para tanto, a seguir são apresentadas tentativas de compreensão do fenômeno da globalização, o processo de criação das novas tecnologias de informação e comunicação, além de uma análise sobre as potencialidades da internet em um contexto social.

3.1. Globalização

Globalização é uma palavra usada cada vez mais para definir a sociedade contemporânea. Hoje em dia ela mora em quase todas as bocas, de quase todas as línguas do mundo, e penetra uma infinidade de discursos, desde diálogos familiares e conversas de amigos em mesas de botequim até pronunciamentos de líderes políticos e declarações institucionais de empresas. No entanto, talvez exatamente pela difusão altamente heterogênea do termo, é inevitável que as discussões sobre a globalização estejam permeadas por “simplificações, exageros, inconsistências e confusões” (RAMOS: 2005, 99). Ainda assim, a compreensão, mesmo que incompleta, do fenômeno da globalização, faz-se extremamente necessária, já que representa o contexto no qual o estudo de caso apresentado se insere. Não seria possível entender minimamente as possibilidades contemporâneas de articulação e mobilização social se não dedicássemos parte de nossa reflexão a algumas discussões e tentativas de definição para a globalização.

O sociólogo Octavio Ianni (1998) encarava a globalização do mundo como um “processo histórico-social de vastas proporções”: seu impacto se daria ao abalar os quadros sociais e mentais de referência de indivíduos e coletividades. Em sua opinião, ao subverter o mapa do mundo e suas fronteiras, que se tornam mescladas e dinamizadas em novas modalidades (assim como os regimes políticos, os estilos de vida e as culturas), a globalização inaugura “outras formas de sociabilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades”. O descolamento dos territórios e das fronteiras fica visível nos casos das corporações transnacionais e organizações multilaterais, que deixam de se vincular exclusivamente a um espaço específico no plano.

Alteram-se as sensações e as noções de próximo e distante, lento e rápido, instantâneo e ubíquo, passado e presente, atual e remoto, visível e invisível, singular e universal. Está em curso a gênese de uma nova totalidade histórico-social, abarcando a geografia, a ecologia e a demografia, assim como a economia, a política e a cultura. Trata-se de um novo "ciclo" da história, no qual se envolvem uns e outros, em todo o mundo (IANNI: 1998).

Em 1998, Ianni já atentava para “congruências e disparidades” nas breves definições de globalização presentes nas Ciências Sociais. Entre as congruências, apresentava como consenso a afirmação de que “os seres humanos estão hoje em contato uns com os outros em todo o mundo como nunca na história”, exemplificada por termos que já se tornaram clichês para representar os fenômenos inseridos na globalização: “comunicação instantânea da informação”, “cultura universal de estilos e experiências”, “alcance mundial de mercados e mercadorias”, “aldeia global”.

Para Ianni, se antes as identidades eram forjadas em termos apenas do âmbito local, na contemporaneidade elas são constituídas em um processo mais amplo de constituição do indivíduo e da coletividade, inserido em um jogo de forças sociais que acontece também, e simultaneamente, nos níveis global, regional, nacional e tribal. Na sociedade global, os espaços e os tempos “tanto se multiplicam como se dissolvem”. Na visão do sociólogo, a globalização aparece como um processo político-econômico e sociocultural que compreende problemas nas mais diversas esferas: demográfica, ecológica, de gênero, religiosa, lingüística, apenas para citar exemplos. Levar em conta esses múltiplos aspectos da realidade acaba por desafiar a pesquisa social, a partir de então continuamente desafiada pela multiplicidade de ângulos de análise e pelo risco iminente de resultar em “abstrações carentes de realidade, consistência ou verossimilhança”. Apesar do alerta, contudo, o texto de Ianni não fornece diretrizes pragmáticas para refletir sobre a globalização ou como conduzir uma pesquisa social menos carente. Obviamente, não há receita de bolo para compreender o que é a globalização, e o que se retém da proposta de Ianni é a ideia de que tudo está acontecendo ao mesmo tempo agora no mundo, então visto como espécie de mosaico pulverizado, cujos estilhaços são impossíveis de reunir em sua totalidade.

Zygmunt Bauman (1999), por outro lado, aprofunda as reflexões acerca da globalização ao longo de sua vasta obra recente. Aqui, destacamos as suas ideias sobre a forma como a globalização desafia o paradigma de identidade construída com base nos estados nacionais. Para Bauman, a globalização é capaz de esfacelar fronteiras ao ocasionar fenômenos geradores de fluxos que estão fora da esfera do controle dos estados e minam identidades nacionais, homogeneizando desejos e criando cidadãos supostamente

“cosmopolitas”. O aumento na velocidade com que o capital se move ao redor do globo, o fácil deslocamento dos indivíduos no mundo, a existência de companhias multinacionais espalhadas pelo planeta e a possibilidade de pessoas travarem contato mesmo sem compartilharem o mesmo espaço físico são exemplos destes processos, que seriam supostamente responsáveis pelo desaparecimento dos estados. Bauman esclarece, contudo, que os estados não correm o risco de sumirem do mapa, pois hoje respondem à lógica da globalização, estão vinculados a ela e, ainda, são extremamente necessários para que ela permaneça fazendo sentido.

Isso se deve à mudança na concepção do que o estado representa na atualidade, em oposição à sua definição em um mundo bipolar. Na geração anterior, época de alinhamentos automáticos ao bloco capitalista ou ao bloco socialista, o estado era interpretado na totalidade do sentido de governo, e materializava a crença de que as nações eram responsáveis pelas políticas sociais, já que mantinham o controle sobre suas riquezas internas. Ou seja, os estados representavam soberania sobre sua população, seu território e seus recursos. Em contrapartida, atualmente verifica-se o desmantelamento do controle estatal, antes baseado nas soberanias militar, cultural e econômica. Quando a economia passa a ser cada vez menos regulada pelo estado, ela cede esta regulação ao capital, o qual se move muito rápido, na “velocidade do sinal eletrônico”, de acordo com os ajustes de oferta e demanda. O controle dos governos nacionais, portanto, está muito aquém da mobilidade dos fluxos financeiros. Tal mobilidade, aliás, passa a ser verificada como tendência em outras esferas da vida social, como o trabalho, o lazer ou mesmo relações pessoais de amor e amizade. Bauman cunhou o termo “líquido”, presente em grande parte da sua obra, para caracterizar as relações sociais na contemporaneidade, que compartilham a fraqueza dos laços e a inexistência de vínculos sólidos entre as pessoas, e acabam por se assemelhar a relações de consumo descartável. Em meio a este turbilhão de fenômenos, insere-se uma série de mudanças institucionais que justificam a existência de um mosaico de novas formas de atuação política como resposta, dentro do qual se inserem os movimentos sociais contemporâneos.

As ideias de Boaventura de Sousa Santos (2002) servem, de certa forma, como complemento às concepções de Bauman. O professor da Universidade de Coimbra pensa a globalização centrando-se no princípio de que o sistema mundial passa por uma transição marcada, entre outros, pelo antagonismo entre os que veem a globalização como um estágio avançado do capitalismo e aqueles que a consideram como um meio de obter solidariedade transnacional por lutas anticapitalistas. Ao postular o sistema mundial em transição, Boaventura concebe a globalização de modo multifacetado, destacando que ela tem

expressões não só na economia, mas também na política, na cultura e na sociedade (o que vai ao encontro do que é proposto por Ianni, acima citado). Aqui, vale destacar a forma como o autor demonstra como a globalização política dá novo significado ao estado, à medida que as interações transnacionais já não mais permitem que ele exerça controle absoluto sobre suas fronteiras, e que a própria existência de inúmeros acordos internacionais denuncia que muitas decisões não dependem mais exclusivamente dele.

Numa tentativa de rejeitar uma leitura simplista da globalização, o autor propõe uma forma de globalização baseada no “cosmopolitismo”, que infere um cruzamento de lutas progressistas locais com o objetivo de maximizar o seu potencial emancipatório, por meio da organização transnacional da resistência com a utilização em seu benefício das possibilidades de interação propiciadas pela revolução nas tecnologias de informação e de comunicação. Outra proposta de Santos está associada à ideia de “patrimônio comum da humanidade”, associada ao direito internacional e às lutas transnacionais por recursos, entidades, artefatos e ambientes considerados essenciais para a sobrevivência digna dos seres humanos.

Em uma tentativa mais objetiva de definição da globalização, tomamos como referência aquela estabelecida por Jan Aart Scholte (2002), diretor do Centro de Estudos de Globalização e Regionalização da Universidade de Warwick, na Inglaterra, que a desenvolveu a partir da desconstrução de termos que comumente são tratados como sinônimos para a globalização, mas que segundo ele não o são: internacionalização, liberalização, universalização e ocidentalização. A globalização não deve ser entendida meramente como internacionalização, pois esta pressupõe apenas o aumento do fluxo de trocas entre estados nacionais e do movimento entre sua fronteira, usando uma lógica estadocêntrica para compreender um fenômeno em que as relações são complexas e não se delimitam somente por identidades nacionais. Tampouco globalização é sinônimo de liberalização, universalização ou ocidentalização, conceitos estes que impõem homogeneizações à humanidade a partir dos modelos, respectivamente, da economia neoliberal, responsável pelo aumento do comércio internacional e pelo enfraquecimento do estado de bem estar social; de uma suposta convergência mundial em termos políticos, culturais, econômicos e legais; e da imposição de valores promovidos por firmas, instituições e associações da Europa Ocidental e América do Norte, que influenciam padrões de consumo e conduta. É curioso notar como muitos dos movimentos “antiglobalização” se colocam, muitas vezes, contra a globalização definida nestes termos de opressão de culturas e valores locais.

Embora Scholte não descarte que a globalização contém elementos das quatro concepções acima citadas, ele atenta para o fato de que a globalização, por se tratar de um

processo social, não ocorre de forma homogênea, mas é promotora de inclusões e exclusões simultâneas, envolvendo múltiplos processos, dificilmente abarcados em sua totalidade. O autor supera, portanto, a soma destas quatro concepções ao identificar a globalização como a difusão de conexões “transplanetárias” e “supraterritoriais” entre as pessoas (SCHOLTE: 2002, 15). Este conceito envolve reduções nas barreiras impostas a contatos através do mundo (nas quais se destacam volumes inéditos de fluxos de comunicação, doenças, finanças, investimentos, viagens e negócios) e se refere a uma virada na natureza do espaço social, inserida em uma dinâmica mais ampla de mudança social. Esta mudança abarca a percepção do planeta enquanto espaço único e lar da humanidade, e é promovida por conexões sociais que transcendem a geografia territorial em função de sua simultaneidade e instantaneidade, as quais permitem uma solidariedade social em larga escala. Isto não significa, porém, que os espaços sociais baseados nos territórios estejam se dissipando, como fica claro no exemplo dado pelo autor de que cada usuário da internet acessa o ciberespaço de uma localização territorial. Da mesma forma, notam-se assimetrias no acesso à conectividade através do planeta de acordo com posições sociais determinadas por aspectos econômicos e de gênero, por exemplo. O que se percebe na globalização, portanto, é a coexistência e influência mútua entre condições locais e circunstâncias globais.

Cabe reiterar que a discussão sobre as causas, processos e consequências da globalização se expande em facetas cada vez mais diversas, e vai muito além dos posicionamentos aqui apresentados. Não é possível, e tampouco é o escopo deste trabalho, dar conta de todas as posições sobre tal discussão, o que exigiria um estudo mais aprofundado e específico apenas sobre o tema da globalização. No presente trabalho, cabe reiterar que a globalização é compreendida como contexto em que se inserem novas modalidades de mobilização social.

3.2. Desenvolvimento tecnológico

Segundo Castells, as sociedades se organizam em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção (ação da humanidade sobre a natureza, gerando produtos, consumo e acumulação), experiência (ações dos sujeitos humanos sobre si mesmos em interações identitárias) e poder (que impõe a vontade de alguns sobre outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica). Em sua opinião, a revolução tecnológica atual foi uma ferramenta básica para a reestruturação global do capitalismo, já que deste

processo de transformação emergiu uma sociedade capitalista e informacional. Neste contexto, o “informacionalismo” emerge como novo modo de desenvolvimento, isto é, a nova base material tecnológica, da atividade econômica e da organização social, representada por uma diversidade de culturas e instituições em todo o planeta. (CASTELLS: 2008, 50-51).

No processo contemporâneo de aprofundamento da globalização, é preciso destacar o papel fundamental exercido por fatores como o desenvolvimento de novas formas de informação baseadas em sistemas de codificação digital e a gradual convergência da tecnologia de informação e comunicação para um sistema digital comum de transmissão, processamento e armazenamento. Estes fatores estabelecem uma conjuntura na qual a informação pode ser convertida e retransmitida de forma cada vez mais rápida, fácil e flexível (THOMPSON: 1998, 76). Portanto, pode-se considerar que a globalização, em grande medida, é reflexo das dinâmicas de aperfeiçoamento dos meios de comunicação, facilitado pelo desenvolvimento de tecnologias eletrônicas.

Entre os precursores do desenvolvimento tecnológico comunicacional, destacam-se as invenções do telefone por Bell em 1876, do rádio por Marconi em 1898 e da válvula a vácuo por De Forest em 1906, além de elementares pesquisas em microeletrônica iniciadas na década de 1940, cujo resultado mais relevante foi a invenção, em 1947, dos transistores, dispositivos que possibilitavam o processamento de impulsos elétricos e a comunicação entre máquinas, e que podem ser interpretados como os primeiros *chips*. A microeletrônica, porém, avançou apenas na década de 1970, quando foi inventado o microprocessador a base de silício, capaz de integrar um volume inédito de informação em um único *chip*. A capacidade de armazenamento dos processadores deu saltos exponenciais ao longo de três décadas, paralelamente a dimensões físicas cada vez menores de tais dispositivos, que são aplicados em praticamente todas as máquinas cotidianas, “de lava-louças e fornos de micro-ondas a automóveis”. O desenvolvimento dos computadores também acompanhou esta tendência, desde a primeira máquina com 30 toneladas até os portáteis *notebooks* atuais. Outro desenvolvimento fundamental para as tecnologias de informação e comunicação foram os avanços na transmissão de dados por fibra ótica e laser (CASTELLS: 2008, 76-81). Não nos cabe aqui examinar em detalhe cada tecnologia de informação desenvolvida, mas sim as relações sociais delas decorrentes, de tal forma que cada vez se torna mais difícil imaginar como seriam as nossas vidas sem esses dispositivos – muito embora não devamos esquecer que a parcela de excluídos digitais e informacionais no mundo ainda é majoritária.

No que tange ao desenvolvimento das mídias, destaca-se o argumento de que qualquer uma delas tem a capacidade de alterar a nossa relação espaço-temporal, a partir mesmo, da

escrita, primeiro meio que desvincula o enunciador (emissor) do enunciado (espaço), bem como do receptor das mensagens, além de funcionar como instrumento de memória, encapsulando o tempo no registro. Em todos os meios subsequentes – telégrafo, telefone, rádio, televisão e internet – “trata-se da mesma ação de emitir informação para além do espaço e do tempo” (LEMOS: 2003, 13). Ainda assim, percebemos que na relação do homem com a técnica, “as novas ferramentas de comunicação geram efetivamente novas formas de relacionamento social” (LEMOS: 2003, 15). Contudo, com vistas a escapar do determinismo técnico, Lemos ressalta que isso não significa que é o desenvolvimento tecnológico quem dita os rumos da vida social. Igualmente, foge-se do determinismo social e opta-se pela co-constituição destas duas esferas:

A partir da década de sessenta, a emergência de novas formas de sociabilidade vão dar outros rumos ao desenvolvimento tecnológico, transformando, desviando e criando relações inusitadas do homem com as tecnologias de comunicação e informação. Ao atingir a esfera da comunicação, as tecnologias agem, como toda mídia, liberando-nos dos diversos constrangimentos espaços-temporais (LEMOS: 2003, 12).

Esta dinâmica revela o triunfo do pensamento iluminista, cuja base de sua formulação, no decorrer do século XVIII, é constituída por princípios universais como a crença na razão humana, no progresso e no aperfeiçoamento da humanidade. Imbuída de tais princípios, a modernidade pode ser caracterizada como uma forma de apropriação técnica do social, e lança as bases para a emergência do fenômeno que chamamos hoje de *cibercultura*, “a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”, na qual já vivemos, de acordo com Lemos, já que o nosso presente é permeado por tais tecnologias: “*home banking*, cartões inteligentes, celulares, *palms*, *pages*, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros”. Por conseguinte, marcam a *cibercultura* as variadas “formas de apropriação social-midiática da técnica”, como a micro-informática e a internet (LEMOS: 2003, 12).

Sodré, por outro lado, traz outra perspectiva da interação entre o meio social e o desenvolvimento tecnológico, entranhada por uma lógica de mercado, e cunha o termo “tecnocultura” para definir a esfera “constituída por mercado e meios de comunicação”, que implica uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental” (SODRÉ: 2008, 27).

As inovações tecnológicas representaram a via para a ampliação da influência dos meios de comunicação de massa e para a garantia de acesso instantâneo às informações e ao entretenimento. Estas inovações podem se inserir na lógica tradicional da indústria cultural e assim se traduzir em uma tendência de controle de várias mídias distintas por conglomerados

transnacionais do setor empresarial da comunicação, o que se verifica nas grandes fusões de corporações do ramo que geram dividendos astronômicos, como foi o caso da fusão das empresas Aol e Time Warner (CAMPOS, R.: 2006, 109).

Porém, esta tendência de concentração não é unívoca⁸: ela se depara com novas possibilidades de interação que colocam os indivíduos, em contato potencialmente ilimitado com seus pares, como potenciais criadores e difusores de todo e qualquer tipo de conteúdo, representando ao mesmo tempo subversão e resistência, já que se calca, inclusive, em uma característica inerente à própria indústria cultural: “a originalidade das indústrias culturais é a de nos engajar em viagens virtuais com milhares ou milhões de pessoas que não vivem no mesmo ambiente espaço-temporal que nós” (LÉVY: 2004, 175). Este potencial emancipatório que as novas tecnologias de informação e comunicação proporcionam ao conquistarem o espaço da rede mundial de computadores é o objeto da próxima seção deste capítulo.

3.3. A internet em um contexto social

A internet não é um meio que nasceu democraticamente. Criada para fins geopolíticos na década de 1960, no contexto da Guerra Fria, a rede mundial de computadores foi concebida como mecanismo de proteção do sistema de comunicações do governo dos Estados Unidos diante de uma potencial guerra nuclear entre nações. Para entender a relação entre tecnologia e sociedade, não se pode ignorar, portanto, o papel do estado ao liderar a inovação tecnológica (CASTELLS: 2008, 49). Sua proposta baseava-se na construção de uma estrutura de dados sem hierarquia definida, ou seja, “uma arquitetura de rede que não pode ser controlada por nenhum centro, composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão” (CASTELLS: 2008, 44), que sobrevivesse a eventuais ofensivas soviéticas. O princípio de organização da rede permitiria, assim, a sua auto-preservação mesmo em caso do rompimento da conexão entre alguns de seus elementos em caso de um bombardeio, sem significativa perda de conteúdos. Foi necessária uma década para que a internet tivesse seu acesso ampliado em institutos de pesquisa e do meio

⁸ Até mesmo a megafusão entre Aol e Time Warner teve, em maio de 2009, seu fim anunciado para o final deste ano, quando a Time Warner deve separar sua unidade de internet em uma empresa independente, com capital pulverizado. Ainda assim, o motivo fundamental para a separação, conforme declarou Jeffrey Bewkes, diretor-executivo da Time Warner, foi concentrar ainda mais a atuação da sua empresa no negócio de conteúdo – leia-se, as divisões de cinema, com os estúdios Warner Bros., e de TV a cabo, com canais como CNN, HBO e TNT (BLOMBERG: 2009, 25).

acadêmico, que começaram a usar programas de correio eletrônico. A *world wide web*, tal qual a conhecemos atualmente, em uma linguagem acessível para pessoas comuns, só foi instituída em 1991 (ERCILIA: 2000, 17-18).

Todavia, o princípio da organização da informação e da transmissão de dados estruturadas em rede, que permite uma comunicação praticamente instantânea, permaneceu o mesmo que o original – com base no envio de “pacotes” de informação, fragmentados e “remontados” do ponto de origem ao ponto de destino⁹. O princípio originário de construção das redes, por sua vez, traz muito de sua inspiração nos chamados “sistemas emergentes” encontrados na natureza, ou seja, aqueles que se constroem a partir da cooperação de pequenas unidades, cuja sobrevivência não depende de uma autoridade central, como é o caso dos formigueiros e seus canais interconectados (JOHNSON: 2003). O mesmo mecanismo se verifica na relativamente recente tecnologia P2P (sigla oriunda da expressão em inglês *peer-to-peer*, ao pé da letra traduzida como “par-para-par”), que permite a troca de informação e arquivos entre usuários sem que um servidor centralizado precise intermediar esta comunicação (PARDINI: 2008, 24).

Quando começou a ser acessada por indivíduos comuns, a internet passou a oferecer o acesso de forma inédita a informações ilimitadas e atualizadas em intervalos cada vez mais curtos de tempo, revolucionando a maneira como as pessoas se relacionam, estudam, trabalham, consomem e protestam. A velocidade da multiplicação de usuários é um fator expressivo para a internet: de trezentos computadores em 1990 para mais de 300 milhões de usuários no ano 2000 (ERCILIA: 2000), no final de 2008 estimou-se que cerca de um quarto da população mundial de 6.7 bilhões de pessoas usam a internet (ITU: 2009, 3). Pode-se dizer que a internet teve um papel imprescindível na noção de esfacelamento de fronteiras descrita nos processos de globalização, já que em última instância, o que acontece na rede mundial de computadores é “assunto de *todos e de nenhum país ao mesmo tempo*” (MACHADO: 2007, 273). Além disso, na rede os anônimos passam a poder ter múltiplas identidades, ao mesmo tempo em que pessoas públicas passam a ser mais cobradas.

Pierre Musso, professor de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade de Rennes, remete às ideias universalistas de Saint Simon (aplicadas no final do século XVIII a uma nova filosofia religiosa), para explicar a organização da sociedade em redes:

⁹ HISTORY of the Internet. Criado por PICOL – Pictorial Communication Language. Animação, 7m51s, P&B. Disponível em <http://www.vimeo.com/2696386>. Acesso: 20 abr. 2009.

Quanto mais uma sociedade está organizada, melhor ela está organizada e mais ação ela produz sobre a natureza: quanto mais sua organização interna é feita de redes, mais ela as estabelece sobre o território. A construção de redes de comunicação torna-se um objetivo de utilidade pública e uma garantia da felicidade material. A rede não é apenas um conceito, mas um operador para a ação. (MUSSO: 2004, 26)

Musso defende o potencial democrático que as vias de comunicação em rede proporcionam, a partir do momento em que reduzem geograficamente as distâncias físicas e, por conseguinte, as distâncias sociais. (MUSSO: 2004, 29). Segundo o autor, a rede

é a prótese técnica de utopia social. As verdadeiras revoluções são, hoje, as rupturas oferecidas pelas tecnologias de comunicação, a começar pela internet, que realiza a utopia da associação universal pelas redes de comunicação. A rede leva sempre consigo um imaginário de transição, entre a liberação de um sistema piramidal e hierárquico de que o estado é arquétipo, e a promessa de um sistema futuro, o da associação universal, anunciador de um novo tipo de relação igualitária. A rede indica um futuro libertador, ela é a promessa de uma circulação generalizada e liberadora de fluxos de informações e das ondas econômicas. Esboço de uma democracia planetária, esse mito, cópia fiel da associação universal saint-simoniana, restabeleceu-se nos anos 1990. Com a ‘sociedade da informação’ e suas ‘auto-estradas da informação’, a política desenha a sociedade mundial futura graças à mutação técnica das redes de comunicações. (MUSSO: 2004, 34)

Ainda de acordo com Musso, tal potencial emancipatório da *world wide web*, literalmente a “teia mundial”, que conduziria a uma sociedade transparente, consensual e democrática, choca-se com a instrumentalização da internet para a ideia de mercado para um comércio eletrônico mundializado, personalizado e acessível em domicílio (MUSSO: 2004, 35). Contudo, defende-se aqui que tais propostas para a *web* não são necessariamente antagônicas, mas sim complementares, como demonstram os casos de organizações ativistas que se sustentam financeiramente a partir de doações (ou mesmo compras de produtos) viabilizadas pelas próprias ferramentas do comércio eletrônico. Como destaca André Parente, “o amplo uso das redes tecnológicas serve para permitir a articulação de redes de colaboração e luta através do ciberespaço, transformando assim o sentido da democracia e da política na contemporaneidade” (PARENTE: 2004, 11-12).

Enquanto nos meios de comunicação de massa tradicionais verifica-se uma relação de *um para muitos*, na qual há uma separação nítida e hierárquica entre produtores ativos e receptores passivos da informação, transmitida para muitas pessoas ao mesmo tempo por meio de uma mensagem homogênea, na comunicação em redes a relação que se manifesta é de *muitos para muitos*, na qual não há distribuição física de papéis entre produtores e receptores da informação, e a interatividade é a regra. Por isso, pode-se dizer que a internet é depositária das maiores esperanças de democratização (VAZ: 2004, 204-205). André Lemos vai mais além e afirma que “a internet é um ambiente, uma incubadora de instrumentos de

comunicação, e não uma mídia de massa, no sentido corrente do termo” (LEMOS: 2003, 15). Esta perspectiva é confirmada por Pierre Lévy:

Materializada por fluxos de visita nas páginas da web e taxas de participação nas comunidades virtuais, a atenção coletiva sobe, desce, desloca-se, divide-se em milhões de canais e correntes largamente distribuídas no espaço virtual de significações de uma humanidade em via de unificação”, em oposição a sociedades de mercados fechados e mídias unidirecionais (LÉVY: 2004, 179).

Conforme a conexão à internet se torna mais acessível e mais veloz, multiplicam-se as possibilidades de uso que se fazem dela. Hoje, vivenciamos a chamada “*web 2.0*”, caracterizada pela colaboração virtual e gratuita (na maioria das vezes); no compartilhamento de informações pela rede, que se expressa nitidamente nos endereços *wiki – sites* que podem ser editados por qualquer pessoa (como a enciclopédia Wikipedia¹⁰ e sua variante satírica Desciclopedia¹¹) –; nas redes sociais em que cada usuário conta com uma página pessoal e estabelece vínculos com os demais (como Orkut¹², Facebook¹³, LinkedIn¹⁴); e nos portais de compartilhamento de vídeos (como YouTube¹⁵ e Vimeo¹⁶), além, claro, dos inúmeros *blogs* e *twitters*¹⁷ pessoais e institucionais. Sucessora da “*web 1.0*”, a versão 2.0 não representa qualquer revolução tecnológica em relação à primeira, ou seja, as ferramentas à disposição (computador, linha telefônica, conexão por cabo ou rádio, entre outras), mesmo que agora mais rápidas e difundidas, são as mesmas. A diferença se dá na apropriação destas tecnologias: enquanto a “*web 1.0*” reproduzia o mundo na mídia eletrônica na mesma lógica dos meios de comunicação de massa tradicionais (um para muitos), “a *Web 2.0* usa a internet como uma plataforma para criar produtos e serviços que não existiriam fora dela” (PARDINI: 2008, 23), seguindo a lógica da comunicação em rede (muitos para muitos), na qual os

¹⁰ www.wikipedia.org. Acesso: 27 mai. 2009.

¹¹ http://desciclo.pedia.ws/wiki/Página_principal. Acesso: 27 mai. 2009.

¹² www.orkut.com. Acesso: 27 mai. 2009.

¹³ www.facebook.com. Acesso: 27 mai. 2009.

¹⁴ www.linkedin.com. Acesso: 27 mai. 2009.

¹⁵ www.youtube.com. Acesso: 27 mai. 2009.

¹⁶ www.vimeo.com. Acesso: 20 abr. 2009.

¹⁷ *Blogs* são páginas da internet mantidas por indivíduos que não precisam, necessariamente, de conhecimento técnico especializado para construí-las, apenas de acesso à rede mundial de computadores e de noções de operação de um teclado. O conteúdo dos blogs, que pode ser composto por textos, imagens, sons e/ou vídeosvisual, é organizado em posts ordenados por data. “Um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins” (SOUZA: 2009, 31). Já *twitter* é a marca mais comum de uma prática chamada de micro-blogging, que parte dos mesmos preceitos dos blogs, mas que limita o conteúdo publicado por post a uma imagem, um link ou texto curto que não ultrapassa 140 caracteres (SEIXAS: 2009, 45).

próprios usuários fazem parte do processo de produção de conteúdo. Portanto, é na “*web 2.0*” que ganha espaço a cultura do *copyleft*:

Copyleft é uma forma de usar a legislação de proteção dos direitos autorais com o objetivo de retirar barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa devido à aplicação clássica das normas de propriedade intelectual, sendo assim diferente do domínio público, e não apresenta tais restrições. “Copyleft” é um trocadilho com o termo “copyright” que, traduzido literalmente, significa “direitos de cópia”¹⁸.

Há ainda quem diga que estamos caminhando para a “*web 3.0*”, que se diferencia das versões anteriores nos seguintes termos: “a *web 1.0* era o *download*, a *web 2.0* é o *upload*, a ideia é que a *web 3.0* garanta valor econômico para quem faz o *upload*, usando a rede para fazer distribuição de renda”, diz Reinaldo Pamponet, fundador da Eletrocooperativa¹⁹, entidade que promove a inclusão digital na cidade de Salvador (PARDINI: 2008, 25). Esta declaração engrossa o coro daqueles que depositam suas esperanças no potencial democratizante na rede, que, no entanto, requer ponderação, como atenta Marc Guillaume:

O tempo, histórico e social, da democracia, é um tempo longo: o da confrontação de valores, do debate de ideias, da colocação das escolhas feitas à prova. Tudo se efetuando sobre um palco público que não pode se limitar à ordem virtual (GUILLAUME: 2004, 153).

Ou seja, se as potencialidades da rede nos encham de esperança, é preciso também manter algum sentido pragmático, que nos permita levar em consideração os seus limites. Na reflexão sobre as limitações do potencial democratizante da rede, é válido destacar as ressalvas apontadas por Fernback e Thompson (1995) no âmbito das comunidades virtuais, espaços de agregação social que emergem na internet e permitem a formação de teias de relações pessoais no ciberespaço a partir de discussões públicas (RHEINGOLD *apud* FERNBACK & THOMPSON: 1995). Nas comunidades virtuais, as pessoas fazem praticamente tudo o que fazem na vida real, porém deixam seus corpos para trás: jogam conversa fora, trocam desde elogios até ofensas, participam de doações e leilões, compartilham planos e conhecimento, oferecem apoio emocional, entre muitas outras atividades, todas elas situadas nos limites do contato físico, explicitados pelos autores pela ampla fronteira entre “beijar uma pessoa e socá-la no nariz”. Devido à amplitude de possibilidades de atuação virtual, as culturas associadas ao computador são atraentes e até

¹⁸ Copyleft. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Copyleft>. Acesso: 28 mai. 2009.

¹⁹ www.eletrocooperativa.org.br. Acesso: 28 mai. 2009.

mesmo viciantes, e é neste fascínio pela sociabilidade virtual onde também residem as esperanças democratizantes. A comunicação mediada por computador, contudo, não tem condições de manter a promessa de aperfeiçoar a democracia, pois promove comunidades de interesse que são constituídas em termos tão estreitos como as correntes facções públicas definidas por meio de identidades (seja ela étnica, sexual ou religiosa, por exemplo). O discurso público termina quando as identidades se tornam a única e inflexível base para uma argumentação que se empenha em alcançar um consenso ideal baseado em um bem comum (FERNBACK & THOMPSON: 1995). Mas haverá um bem comum diante de tamanha multiplicidade e fragmentação? As tentativas e possibilidades de alcançá-lo serão abordadas no capítulo a seguir.

4. CIBERATIVISMO: MOBILIZAÇÃO SOCIAL CONTEMPORÂNEA

Como vimos no capítulo anterior, as novas tecnologias de informação e comunicação permitiram novas formas de interação social, que multiplicaram de uma forma nunca antes vista os canais de acesso entre as pessoas, independentemente do espaço que ocupam fisicamente no mundo. Além de impulsionar novas formas de relacionamento interpessoal, educação, trabalho e consumo, a internet, veículo mais abrangente desta revolução dos meios de comunicação, vem servindo como plataforma para a mobilização social transnacional, desafiando fronteiras territoriais e alimentando utopias de democratização. Neste contexto emerge o termo ciberativismo, que pode ser compreendido como mobilização social global, uma “militância praticada por meio da internet”, e que se diferencia do ativismo presencial tradicional ao usar a estrutura da rede para organizar ações por meio de canais eletrônicos (CAMPOS, E.: 2006). Neste capítulo destacamos como alguns movimentos sociais vêm se articulando na internet em meio a uma multiplicidade de vozes, e oferecemos exemplos de circunstâncias em que eles conseguem transcender os limites do espaço *online*. Feito isto, na última seção do presente capítulo analisamos em maior detalhe como funciona a ferramenta das petições *online*, utilizada amplamente como ponto de partida para as ações da Avaaz, nosso estudo de caso, que será analisado no capítulo seguinte.

4.1. Novas formas de ativismo a partir de novas tecnologias

Jorge Alberto Machado, professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, defende que a apropriação estratégica das recentes tecnologias de informação e comunicação foi fundamental não somente na organização e articulação dos movimentos sociais já existentes, como também permitiu que novas formas e tendências de ação coletiva se constituíssem a partir da rede. Esta articulação se dá por meio da formação de coalizões de acordo com a identificação e o compartilhamento de valores, dentro de um contexto de emergência de uma nova cultura organizacional (MACHADO: 2007, 248-249).

(...) com o uso criativo das tecnologias de informação e comunicação, ações específicas e circunstanciadas podem gerar um agregado de peso de forças contrárias de alcance global. Aos indivíduos e coletivos sociais, que outrora se encontravam dispersos ou isolados, é possível concentrar suas ações em prol de uma causa comum, com base nas extensas redes de solidariedade de natureza identitária (MACHADO: 2007, 264).

A informação sempre foi o principal recurso dos movimentos sociais, que a difundem estrategicamente e associam-na a modalidades tradicionais de articulação (como manifestações públicas e passeatas) a fim de desencadear processos de mudança social. Portanto, o maior acesso aos meios de comunicação (potencializado pelo uso das tecnologias de informação) representa para os movimentos sociais um poder de persuasão “muito mais poderoso do que, por exemplo, o uso da força – para difundir e compartilhar valores, visões de mundo e experiências” (MACHADO: 2007, 278).

Este poder resulta da ampliação da capacidade de produzir, reproduzir, compartilhar, expressar e difundir fatos, idéias, valores, visões de mundo e experiências individuais e coletivas em torno de interesses, identidades e crenças – e em um espaço muito curto de tempo. A possibilidade de comunicação rápida, barata e de grande alcance faz atualmente da internet o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos. A rede se converteu em um espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes (MACHADO: 2007, 268).

Ainda não é possível afirmar que no futuro todos os movimentos sociais se articularão a partir da *web*, devido à falta de estudos suficientes e compatíveis com a complexidade de suas conexões. Ainda assim, certamente estas novas interações podem ser vistas como propulsoras de uma forte tendência de transformação nas formas de mobilização social (MACHADO: 2007, 270). O professor traça uma tipologia dos movimentos sociais articulados em rede, elencada em dez características comuns:

1 – *Proliferação e ramificação dos coletivos sociais*, propiciadas pela rapidez e pelo alcance das novas tecnologias de informação, cuja favorável relação custo-benefício também permite a integração eficiente e estratégica entre eles. O alcance de alianças baseadas no idealismo e voluntarismo dos indivíduos passa a ser global, da mesma forma que se multiplicaram as formas de mobilização, participação, interação, acesso à informação e provisão de recursos.

2 – *Horizontalidade e flexibilidade das redes*, verificadas em hierarquias menos rígidas, “com múltiplos nós, conectadas a numerosas microrredes ou células que podem ser rapidamente ativadas”.

3 – *Tendência coalizacional*, isto é, de uma agregação em torno de interesses comuns que se baseia na infra-estrutura propiciada pela internet.

4 – *Existência dinâmica ou segundo objetivos ou fatos*: os movimentos formam-se, expandem-se, retraem-se ou se desfazem de acordo com o fato político diante do qual se posicionam ou com seus resultados de impacto e repercussão.

5 – *Minimalismo organizacional-material*: a possibilidade de operação a um custo baixo por meio da internet incentiva a associação individual sem que seja necessária a existência de uma sede física para o movimento social ou até itens como fax, telefone ou endereço postal.

6 – *Universalismo e particularismo das causas*: os ideais dos movimentos sociais podem, simultaneamente, atender a uma aspiração (ou a um conjunto delas) de coletivos sociais pequenos e específicos (até mesmo geograficamente separados), e orientar-se por “princípios de aceitação universal, como desenvolvimento sustentável, direitos humanos, direito à autodeterminação dos povos, combate ao racismo e formas de discriminação, democracia, liberdade de expressão, etc.”

7 – *Grande poder de articulação e eficiência*, demonstrado pela realização de protestos simultâneos em diferentes cidades e países, bem como pela articulação de grupos de manifestantes dispersos. A convergência de interesses entre tais demonstrações pode, portanto, se materializar em manifestações que promovem encontros pessoais dos ativistas, transcendendo o espaço virtual. A geometria da organização social em rede concentra e ativa seus nós conforme a necessidade, combinando estratégias variáveis.

8 – *Estratégias deslocalizadas de ideologias compartilhadas*, ou seja, as redes são formadas a partir de processos de identificação que não se dão pelo pertencimento dos indivíduos a uma mesma localidade geográfica, mas pelo compartilhamento, entre eles, de ideais de solidariedade e visões de mundo semelhantes.

9 – *Multiplicidade de identidades/circulação de militantes*: seguindo o princípio de adesão por identificação descrito no item acima, um ativista pode militar em diversos movimentos, e em cada um deles reivindicar distintas questões específicas ou pontuais. Assim, em cada movimento é possível compartilhar “um interesse com pessoas que, em outras dimensões da vida social, têm aspirações, valores e crenças bem diferentes”.

10 – *Identidade difusa dos sujeitos sociais*: esta característica é um reflexo do anonimato e da multiplicidade de identidades, que, ao mesmo tempo em que potencializam as formas de ativismo, revelam que os interesses que ligam os indivíduos em redes “são cada vez mais cruzados, diversos e tênues”. (MACHADO: 2007, 273-277).

Tais características poderiam ser sintetizadas pela argumentação do professor Henrique Antoun, que atenta para o potencial da informação como arma e a maneira como “a multidão encontra na rede um meio privilegiado de exprimir sua potência de ação, fazendo seus movimentos de luta através da construção de redes” (ANTOUN: 2004, 211). Os grupos “operam em unidades pequenas e dispersas, podendo se desdobrar repentinamente em qualquer lugar ou tempo como uma incontrolável infecção por afluência (*swarming*) de multidão. Eles sabem como enxamear e dispersar, penetrar e romper ou iludir e fugir”. Esta forma de organização, contudo, não é exclusiva aos ativistas da sociedade civil, os quais passam a representar os antagonistas de “terroristas, criminosos e etnonacionalistas extremistas”, em um contexto de guerra em rede, que se destaca por estruturas sem líder dos grupos sociais (ANTOUN: 2004, 217).

Neste ponto em que multidões se mobilizam, faz-se pertinente trazer à tona o conceito de “multidão” trabalhado por Antonio Negri e Michael Hardt: “multicolorida”, “rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente”, “multiplicidade de diferenças singulares”, entre raças, culturas, gêneros, orientações sexuais, visões de mundo e formas de trabalhar, a multidão é o sujeito social capaz de levar a cabo a democracia em sua maior potência, ou seja, um governo de “todos por todos” cuja busca permeia os protestos contemporâneos, alguns dos quais serão citados ainda neste capítulo. Agindo “com base naquilo que as singularidades têm em comum”, a multidão tem a capacidade de se governar, ou ainda, é *carne viva* que governa a si mesma” (HARDT & NEGRI: 2004).

Para explicar a ausência de liderança na multidão, o psiquiatra e ensaísta Humberto Mariotti resgata as ideias de Gandhi, que “dizia que, quando a auto-organização se torna patente, não precisa mais de liderança, porque a liderança se torna disseminada. O poder se torna difuso quando a causa é compartilhada” (SAFATLE; DERIVI: 2009, 12). Assim, o heroísmo ganha espaço no mundo virtual, que alimenta as maiores esperanças de transformação do mundo e desperta sonhos infinitos, como analisa Paulo Vaz:

Surpreende que a rede tenha despertado tantos sonhos? Há mais matéria para se sonhar. Se pensarmos a experiência individual, é preciso associar a rede com a interface gráfica, que criou um espaço de informação, um mundo onde podemos entrar, residir e estabelecer relações com outros. Neste mundo, acreditamos visitar lugares e conversar com pessoas enquanto computadores trocam dados por uma linha telefônica e nosso corpo permanece imóvel na cadeira. O corpo aqui é a mente, o que aparenta o ciberespaço a um sonho, um espaço onde podemos experimentar nossas fantasias com a vantagem de não sofrer com as consequências corporais de uma experimentação. (VAZ: 2004, 203)

O trecho acima pode ser associado de forma bastante nítida às experiências individuais do ciberespaço de cunho essencialmente interpessoal como as redes sociais, salas de bate-papo *online* e *blogs* pessoais, mas se aplica também à mobilização social aqui estudada. Levando em consideração um ativismo em que o sujeito pode defender causas sem precisar se desfazer do conforto da tela de seu computador ou colocar o seu corpo em risco, emerge uma reflexão capaz de originar a seguinte pergunta: “é contraditório um ativismo sem esforço?” (DERIVI: 2008, 37). A contradição pode residir no fato de as novas tecnologias de informação e comunicação também serem acusadas de promover “o isolamento individual e o desengajamento político, corroendo a vida ativa das sociedades democráticas”. Ao estimularem o individualismo, estas tecnologias estariam produzindo um “efeito profundamente descentralizador e fragmentador na cultura e na sociedade” (PUTNAM *apud* ANTOUN: 2004, 214). Em uma demonstração da própria pluralidade da internet, encontramos *online*, em um *site* que se propõe a desvendar “lendas urbanas” e falácias populares²⁰, a curiosa (porém oportuna) definição de um termo que reflete esta descrença no ativismo articulado pela internet: o *slacktivism*.

Slacktivism é a busca pela máxima sensação de bem-estar que um sujeito obtém quando salva a sociedade sem que precise de fato sujar as próprias mãos, doar voluntariamente seu tempo ou abrir a sua carteira. É o *slacktivism* que nos impulsiona a exortar os outros para que circulem um determinado *e-mail* porque uma grande empresa prometeu que cada mensagem encaminhada gerará recursos para cuidar de uma criancinha debilitada; ou que nos faz querer aderir a um boicote contra companhias petrolíferas evitando comprar gasolina em um dia particular, em vez de reduzir nosso consumo pessoal de combustíveis fósseis ao dirigir menos e andar mais de ônibus. O *slacktivism* pode ocorrer de várias formas, mas a característica que o define é a centralidade de fazer o bem com pouco ou nenhum esforço, aderindo a uma causa por meio de mecanismos como o encaminhamento de mensagens e a assinatura eletrônica de petições²¹.

Soninha Francine, vereadora em São Paulo que fez uso da internet como plataforma de sua candidatura à prefeitura da cidade em 2008, responde ao questionamento do “ativismo sem esforço” valorizando o seu “efeito multiplicador”, mas admitindo que “continuamos dependendo da mídia tradicional em alguns pontos” (DERIVI: 2008, 37). Em contrapartida, André Lemos esclarece que “o tempo real pode inibir a reflexão, o discurso bem construído e a argumentação”, mas que “o clique generalizado permite a potência da ação imediata, o conhecimento simultâneo e complexo, a participação ativa nos diversos fóruns sociais”.

²⁰ <http://www.snopes.com/info/faq.asp>. Acesso: 11 jun. 2009.

²¹ Tradução livre. Texto original em inglês disponível em: <http://www.snopes.com/info/glossary.asp#slack>. Acesso: 11 jun. 2009.

(LE MOS: 2003, 13). Por se tratar de um fenômeno contemporâneo e, portanto, mutante, o ciberativismo não escapa de contradições. Hoje, ao menos, já não se pode negar que “os tradicionais meios de comunicação tidos como de massa não são mais os únicos instrumentos formadores das idéias partilhadas pelos membros de uma sociedade”, e que cidadãos conectados em todo o mundo trocam conhecimento e informação pelas diversas ferramentas disponibilizadas na rede, o que passa a caracterizar um “espaço de livre expressão”. (SCHIECK: 2008, 2). Foi neste espaço que se tornaram possíveis os exemplos de mobilização contemporânea que apresentamos na seção a seguir, os quais se pautaram exatamente pela “potência da ação imediata” apontada por Lemos.

4.2. *Smart mobs*: a transcendência do virtual

Geralmente, tende-se a perceber, no senso comum, que aquilo que é virtual não existe, não é real. No entanto, “virtual” não se opõe a “real” nem mesmo nos dicionários, como esclarece Muniz Sodré (2008):

O real, em si, como se sabe, é inexistente: o que há mesmo são efeitos de objetividade, a que costumamos chamar de “realidade”. Cabe sempre à consciência humana, na verdade, determinar o grau de realidade das coisas, inclusive de algo inicialmente qualificado como virtual. (...) Virtual, por sua vez, indica uma dinâmica de realização do real – a capacidade de passar de um nível da ordem para outro mediante a integração de suas possibilidades –, portanto, o potencial de produção de todos os campos de ação. Integra, assim, a estrutura do real – seu horizonte necessário no interior da tradição filosófica – e pode gerar realidades que dependerão necessariamente da ordem humana (SODRÉ: 2008, 123).

Virtualmente, portanto, o ciberativismo pode representar o embrião fundamental para a manifestação da ação humana pelos palcos do mundo. No âmbito do ativismo transnacional, há dois episódios emblemáticos de como a articulação social por meio das novas tecnologias de informação e comunicação foi capaz de modificar os rumos da história humana. Tais exemplos podem caracterizar o que Howard Rheingold chama de *smart mobs* (em uma tradução literal, algo como “mobilização esperta”), expressão aplicada a momentos em que ativistas “se utilizam da rede para organizar manifestações políticas” (RHEINGOLD *apud* LOPES: 2006, 125)²².

²² Devido ao seu caráter político, as *smart mobs* se diferenciam de outro termo trabalhado por Rheingold: as *flash mobs*, que usam igualmente a internet e a comunicação móvel, todavia, para organizar ações coletivas e intervenções urbanas com um viés de mais entretenimento e hedonismo. (RHEINGOLD *apud* LOPES: 2006, 125 e 130).

Um dos exemplos mais célebres de *smart mob*, considerado por muitos como pioneiro, ocorreu no México, a partir do primeiro dia de 1994, quando o subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), localizado no interior da floresta de Lacandon, comunicou-se com o mundo pela internet e fez com que o seu movimento conquistasse apoio de comunidades indígenas na província de Chiapas e de ongs por todo o planeta, além de alcançar repercussão na mídia tradicional, em uma clara demonstração de resistência ao lançamento do NAFTA, tratado de livre comércio da América do Norte, efetivado oficialmente naquele dia (COX: 1999, 23-24; CASTELLS: 2008, 44).

A partir desse momento, a causa zapatista se desfez de sua tônica essencialmente guerrilheira, de tentativa de tomada do governo mexicano, e passou a dar mais prioridade a temas como a defesa dos direitos humanos (com especial atenção a grupos indígenas, trabalhadores e mulheres) e a proteção do meio ambiente. Assim, o movimento zapatista (no qual o EZLN configura-se apenas como um dos parceiros) conquistou o suporte internacional crescente de organizações e indivíduos, que participaram de quatro congressos em Chiapas, “fazendo emergir uma agenda comum de reivindicações e ações” (ANTOON: 2004, 227-229), a qual se insere, até hoje, na luta pela resolução das disparidades socioeconômicas fomentadas por um modelo excessivamente desigual de globalização.

Tais disparidades do mundo contemporâneo, de acordo com alguns posicionamentos, devem-se, em grande medida, à liberalização inescrupulosa do comércio internacional, que aniquila produtores locais, incapazes de se inserirem competitivamente no mercado global. Nesta perspectiva se insere o segundo exemplo emblemático da articulação de ativistas ao redor do mundo: a difusão *online* do protesto contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em dezembro de 1999 (CASTELLS: 2008, 44). Contudo, a “Batalha de Seattle”, como ficou conhecida a mobilização, não se restringiu aos protestos que reuniram cerca de 50 mil pessoas e foram fortemente reprimidos pela polícia na cidade estadunidense onde ocorreu a fracassada reunião da OMC²³. O movimento vinha contando também com manifestações de apoio em uma série de cidades ao redor do mundo desde o dia 16 de novembro daquele ano, quando ativistas ocuparam a sede da organização em Genebra, e foram seguidos por uma iniciativa similar, em Nova Déli, na Índia, onde foi ocupada a filial

²³ BBC Brasil. “Em imagens – A Batalha de Seattle”, 1 dez. 1999, disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_seattle_img.htm; “OMC fracassa em Seattle”, 6 dez. 1999, disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_seattle_rodad_03.12.htm, acessos: 13 jun. 2009.

do Banco Mundial. A partir de então, as manifestações contra o viés neoliberal da globalização se reverberaram nas ruas de diversas cidades de mais de trinta países²⁴.

Vale destacar, ainda, dois episódios relacionados, ocorridos no primeiro semestre de 2003: a mobilização da sociedade civil global contra a invasão do Iraque, e a reação popular ao governo espanhol após o atentado a linhas ferroviárias em Madri. Sobre a intervenção militar no Iraque, liderada pelos Estados Unidos,

enquanto a grande *mass media* estadunidense e mundial se inclinava para uma “leitura” claramente pró-EUA, agências menores de notícias, media árabe, *bloggers*, coletivos sociais antiguerra, ativistas diversos e a imprensa independente davam outras versões do conflito. Esse eclético “*mass media* alternativo” difundia notícias e imagens que normalmente não chegavam aos telespectadores pelas emissoras de TV e grandes agências internacionais. Seus conteúdos proliferavam rapidamente pela rede, alcançando milhões de pessoas conectadas, ávidas por informações do conflito. Ademais, havia uma grande difusão de *e-mails*, mensagens SMS, comunicações por telefonia móvel e transmissões ao vivo do front, via satélite. Isto desencadeou uma verdadeira guerra de informação para conquistar corações e mentes (MACHADO: 2007, 263).

Neste episódio de mobilização, foi crucial o papel do movimento estadunidense MoveOn²⁵, que, como veremos no próximo capítulo deste trabalho, foi um dos pilares para a criação da Avaaz. Na ocasião, o MoveOn, que surgiu “unicamente com base na rede”, arrecadou recursos por meio de seu *site* para veicular a campanha contra a guerra nos meios de comunicação de massa tradicionais (jornais impressos, canais de televisão e emissoras de rádio) e “conseguiu a proeza de organizar o maior protesto já realizado nas ruas de Nova Iorque, levando 250 mil pessoas às ruas para se manifestarem contra a guerra, no dia 15 de fevereiro de 2003” (MACHADO: 2007, 263).

Mesmo que a intervenção militar no Iraque tenha sido levada a cabo, a repercussão da mobilização contra ela ganhou ecos, igualmente por meio das ferramentas tecnológicas, na Espanha, cujo governo também mandara tropas para o país do Oriente Médio, depois do atentado ocorrido em Madri no dia 11 de março de 2003, às vésperas da eleição espanhola:

(...) as autoridades espanholas tentaram a todo custo responsabilizar o grupo separatista basco ETA pelos atentados, retendo informações e pressionando fortemente os grandes veículos de comunicação nacional. Isso porque havia enviado tropas de apoio à invasão do Iraque, contrariando a imensa maioria da população, que não queria ver o país envolvido no conflito e muito menos ainda, incluído no mapa do terrorismo islâmico. Nas horas seguintes às explosões, à medida que as

²⁴ Relatórios completos das ações globais simultâneas contra a OMC estão disponíveis em <http://realbattleinseattle.org/node/32>. Acesso: 13 jun. 2009.

²⁵ www.moveon.org. Acesso: 4 jun. 2009.

informações advindas dos organismos de segurança se mostravam contraditórias e suspeitas, observou-se uma grande reação em cadeia. Milhões de mensagens SMS foram deflagradas para protestar contra a ação do governo. Fora dos canais tradicionais, blogs, fotos enviadas em tempo real das manifestações e *e-mails* denunciavam a farsa pré-eleitoral. Mesmo contando com uma imprensa “cautelosa”, submetida a pesadas pressões vindas até do gabinete presidencial, o partido do governo, antes franco favorito nas eleições, viu, em questão de horas, seus planos de permanência no poder ruírem. (MACHADO: 2007, 264).

Embora pareçam meramente episódicas, as *smart mobs* configuram-se como a principal estratégia ciberativista, e nota-se que elas passam a ser crescentemente adotadas até por organizações da sociedade civil “pré-internet”, como Greenpeace²⁶, WWF e Anistia Internacional, por exemplo, que “utilizam a rede para divulgar suas ações, documentos, dossiês, comunicados, promover suas campanhas, comunicar-se com as representações locais, angariar fundos e aceitar filiações” (MACHADO: 2007, 268).

Já as modalidades de movimentos sociais “pós-internet” são ainda mais abundantes, e seria impossível dar conta de todos os exemplos no presente texto. Além do supracitado MoveOn, que atua prioritariamente fazendo pressão sobre o governo Estados Unidos, cabe citar os casos de iniciativas mais abrangentes, como é o caso da própria Avaaz, a ser esmiuçada no capítulo a seguir; da TakingITGlobal, uma rede de voluntariado sobre “questões globais” e capacitação de jovens em tecnologia da informação²⁷; da MobileActive, uma comunidade de ativistas que tenta promover impacto social por meio de mensagens disparadas para telefones celulares²⁸; da Global Voices, uma comunidade de mais de 200 “blogueiros ao redor do mundo que trabalham juntos para trazer traduções e informes de *blogs* e da mídia cidadã de todas as partes, com ênfase em vozes que geralmente não são ouvidas na grande mídia”²⁹; e do 350.org, um movimento que está convocando cidadãos pela rede para promover mobilizações locais ao redor do mundo no dia 24 de outubro deste ano, em manifestação contra a crise climática³⁰.

²⁶ O site do Greenpeace no Brasil, por exemplo, conta com uma seção chamada “Cyberativismo” para mobilizar suas campanhas. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/participe/ciberativismo>. Acesso: 15 mai. 2009.

²⁷ www.tigweb.org. Acesso: 14 jun. 2009.

²⁸ www.mobileactive.org. Acesso: 14 jun. 2009.

²⁹ www.globalvoicesonline.org. Acesso: 14 jun. 2009.

³⁰ O dia 24 de outubro de 2009 antecede em seis semanas a 15ª reunião da Convenção do Clima das Nações Unidas a ser realizada em Copenhague, na Dinamarca, na qual deve ser aprovado o documento sucessor do Protocolo de Kyoto, para a redução mundial de emissões de gases do efeito estufa. A proposta do movimento é que nesta data (chamada pelo 350.org como o “Dia da Ação Climática”), cidadãos de todo o mundo realizem ações relacionadas ao número 350, que equivale ao limite cientificamente estabelecido como seguro para a quantidade de dióxido de carbono (um dos gases que provoca o aquecimento global) na atmosfera, medida em partes por milhão (ppm) – atualmente, a concentração de CO₂ na atmosfera já ultrapassa 350 ppm. Entre as

4. 3. Petições *online*

Como veremos adiante, as petições *online* são a principal e mais abrangente ferramenta utilizada pela organização Avaaz para convocar indivíduos ao redor do mundo para agir em prol de suas causas. Petições *online* são a versão eletrônica do popular abaixo-assinado, “um tipo de solicitação coletiva feita em um documento para pedir algo de interesse comum a uma autoridade ou para manifestar apoio a alguém ou demonstrar queixa ou protesto coletivo”. Apesar de abaixo-assinado e petição serem termos que se diferenciam na forma impressa (uma petição impressa é definida como uma solicitação individual)³¹, quando adaptados para o formato eletrônico eles podem ser tratados como sinônimos de solicitação coletiva.

Grosso modo, nota-se que as petições *online* poderiam ser classificadas em dois tipos: as petições oficiais, com valor constitucional que pressiona diretamente poderes legislativos; e as não-oficiais, que desejam provocar mobilizações coletivas, ganhar visibilidade, produzir adesão e entrar na mídia. Entre estes dois polos, todavia, reside uma diversidade imensa de documentos produzidos pela rede, em prol de causas infinitamente variadas. Em *sites* como abaixoassinado.org, petitiononline.com, gopetition.com, petitionpro.com e ipetitions.com, por exemplo, qualquer pessoa com um endereço de *e-mail* válido e dados pessoais (que podem ser, inclusive, fictícios) é capaz de criar e lançar uma petição *online*. A petição então passa a contar com um endereço próprio na internet, que é uma página hospedada no *site* onde foi criada (como os mencionados acima). Para divulgar a sua causa e angariar adeptos a ela, o cidadão encaminha este *link*, geralmente por *e-mail*, para os seus contatos. Para assinar a petição, os requisitos podem ser pífios – às vezes o preenchimento de apenas um nome é suficiente para contabilizar uma assinatura.

Há temas de petições *online* para todos os gostos, nacionais e internacionais, de cômicos a dramáticos (passando por esdrúxulos): desde um apelo para a vinda do jogador de futebol Cristiano Ronaldo ao Brasil porque ele “é o cara mais lindo”³² até uma “campanha nacional em defesa da auto-hemoterapia”, com um texto formalmente redigido e endereçado

sugestões de ações múltiplas, estão passeatas, intervenções artísticas, festivais de cinema, igrejas badalando seus sinos por 350 vezes, esculturas humanas formando o número 350, entre outras – tudo devidamente registrado em mídias eletrônicas e postado no *site* do movimento: www.350.org. Acesso: 14 jun. 2009.

³¹ Abaixo assinado. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Abaixo-assinado>. Acesso: 12 jun. 2009

³² “Queremos Cristiano Ronaldo no Brasil”. Disponível em: <http://www.gopetition.com/petitions/queremos-cristiano-ronaldo-no-brasil.html>. Acesso: 14 jun. 2009.

ao Presidente da República³³, apenas para citar exemplos em meio a uma infinidade de solicitações. Assim, quando a associação de indivíduos pela internet propicia um contexto de identidades que podem ser inventadas e o comprometimento pessoal não precisa ser alto, a credibilidade das petições *online* é facilmente posta em xeque. No Brasil,

muito se discute sobre o valor jurídico de uma petição *online*, desde a validade das assinaturas até o não preenchimento dos requisitos mínimos exigidos pela legislação vigente. As petições *online* passam a ter valor legal para a obrigatoriedade de votação e modificação da legislação, apenas quando as assinaturas forem certificadas eletronicamente e representarem um número superior a 1% do eleitorado (um milhão de assinaturas) e distribuídos por pelo menos cinco estados brasileiros. Entretanto, a Lei não retira o poder de visibilidade e mobilização popular dos abaixo assinados (SCHIECK: 2009, 11-12).

No vasto universo das petições *online*, entretanto, não se pode afirmar que as causas lançadas são todas em vão. Em recente artigo, a pesquisadora Mônica Schieck ressalta duas petições, lançadas no *site* PetitionOnline, em que “o intercâmbio em tempo real, aliado ao constante fluxo de informações, permitiu a tomada de decisão e a rápida adesão dos cidadãos em torno de projetos de interesse comum” (SCHIECK: 2009, 10): a petição a favor da aprovação da Lei de Biossegurança, que permite pesquisas com células tronco de embriões congelados, e que foi fortemente apoiada pela comunidade científica, popularmente defendida e finalmente aprovada em abril de 2007 (SCHIECK: 2009, 9); e a petição contra o projeto de lei do senador Eduardo Azeredo que enquadra como crime todo tipo de troca de arquivo na rede, cuja circulação “no ambiente *online* ampliou a visibilidade sobre a questão” (SCHIECK: 2009, 13). Segundo a pesquisadora, estas petições reforçaram a constatação do professor Henrique Antoun, de que se introduziu uma mudança profunda “nas relações sociais e na base organizacional das comunidades através do acesso do indivíduo comum as tecnologias informacionais de comunicação e a comunicação mediada por computador ” (ANTOUN, 2004: 229).

No mesmo artigo, Schieck ainda cita o *site* da Avaaz como exemplo de utilização eficaz das petições *online* (SCHIECK: 2009, 11). Aqui se defende que a Avaaz, enquanto instituição minimamente organizada, tem o potencial de conferir um grau de credibilidade às petições *online* que pode ser maior do que aquelas petições lançadas por indivíduos dispersos, além de se configurar nitidamente como um ator que garante a entrega do documento ao seu destinatário. É o que acontece, também, com o MoveOn, que já conquistou o reconhecimento

³³ “Campanha nacional em defesa da auto-hemoterapia”. Disponível em: <http://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/736>. Acesso: 14 jun. 2009

público como movimento de pressão dentro do congresso dos Estados Unidos, e ainda, com o governo do Reino Unido, que conta com seu próprio portal para a inscrição de petições *online* dirigidas ao primeiro ministro britânico³⁴. A seguir, veremos como a Avaaz tenta conciliar, na promoção de suas campanhas, as duas principais características das petições *online*, buscando pressionar poderes legislativos ao convocar globalmente a mobilização da sociedade.

³⁴ The Official Site of the Prime Minister's Office. Disponível em: <http://petitions.number10.gov.uk>. Acesso: 13 jun. 2009.

5. AVAAZ.ORG

Avaaz.org é o endereço eletrônico da organização que serve como estudo de caso para o presente trabalho. Neste capítulo, a organização Avaaz terá primeiramente suas características institucionais apresentadas. Esta descrição será seguida por uma análise dos mecanismos por ela utilizados na convocação virtual de indivíduos em prol de causas globais. Por fim, serão expostas ponderações sobre como são medidos os resultados da Avaaz, além de uma reflexão sobre as potencialidades e os limites de suas ações.

5.1. A instituição

Existem, hoje, 62.463 organizações internacionais³⁵. Organizações não-governamentais, locais e globais, há várias, bem como *sites* de petições *online*. Ongs internacionais que convocam cidadãos por seus *sites* na internet, também. A Avaaz é uma organização não-governamental internacional, sem fins lucrativos ou ligações com empresas ou governos³⁶, que defende os “valores da sociedade civil global na política internacional”³⁷. Até aí, nada de muito singular, não fosse o fato de a organização haver nascido na rede – isto é, na mais retrógrada das interpretações ela é apenas um *site* – e ter a pretensão de mobilizar cidadãos do mundo inteiro em prol de causas globais comuns, ou seja, temas que devem dizer respeito à humanidade inteira.

Assim, a Avaaz se diferencia, em linhas bastante gerais, tanto de movimentos que se lançam a partir da plataforma virtual, mas que têm objetivos apenas locais ou restritos a temas pontuais, quanto de tradicionais organizações internacionais que se consolidaram ao longo de décadas a partir de estruturas institucionais robustas e passaram a utilizar ferramentas eletrônicas somente conforme estas foram se aperfeiçoando, e que geralmente atuam em temáticas específicas (como Greenpeace, Oxfam e Anistia Internacional, apenas para citar alguns exemplos). Segundo a própria organização se divulga, a Avaaz é a “primeira rede

³⁵ Organizações internacionais com perfis cadastrados na União de Associações Internacionais, que realiza um levantamento anual destas instituições. Disponível parcialmente em: <http://www.uia.be/sites/uia.be/db/db/x.php>. Acesso: 4 mai. 2009.

³⁶ A ênfase nesta independência da Avaaz vai ao encontro do conceito de mídia tática, que “abrange diversos tipos de mídia que têm como função intervir diretamente na circulação e distribuição da informação e que não estão vinculadas a qualquer corporação, mercado ou estado” (CAMPOS, E.: 2006, 50).

³⁷ “Missão democrática” da Avaaz. Disponível em: <http://www.avaaz.org/po/about.php>. Acesso: 4 mai. 2009.

global de ativismo *online*” (PERRIELO: 2007, 1). No entanto, ela também se auto-define como “movimento global”³⁸, na página em que destaca suas campanhas mais relevantes, ou ainda como “organização independente”, nas mensagens que envia.

“O mundo em ação” é o *slogan* da Avaaz, e para atingir o objetivo de convocar os indivíduos à ação para “acabar com a brecha entre o mundo que nós temos e o mundo que queremos”³⁹, sua principal estratégia é enviar *e-mails* a usuários cadastrados, convocando-os a assinar petições (adiante, veremos em maior detalhe como funcionam os seus mecanismos de atuação). Todos os *e-mails* de convocação para campanhas da Avaaz contam com a seguinte definição da organização em seu rodapé:

Avaaz.org é uma organização independente sem fins lucrativos que visa garantir a representação dos valores da sociedade civil global na política internacional em questões que vão desde o aquecimento global até a guerra no Iraque e direitos humanos. Avaaz não recebe dinheiro de governos ou empresas e é composta por uma equipe global sediada em Londres, Nova York, Paris, Washington DC, Genebra e Rio de Janeiro. Avaaz significa “voz” em várias línguas européias e asiáticas (JAY: 2009).

A organização começou a funcionar em janeiro de 2007, com o envio de uma campanha contra a escalada da guerra no Iraque, cuja petição atingiu a marca de 87 mil assinaturas provenientes de 198 países em cerca de uma semana, e que culminou com uma marcha nos arredores do Capitólio, em Washington, sede do governo dos Estados Unidos, no dia 27 de janeiro de 2007⁴⁰.

Embora mencione representações, a instituição não conta com sedes físicas, apenas um endereço em Nova York, cidade onde se situa grande parte da equipe. A Avaaz funciona a partir de uma estrutura colaborativa *online*, sem hierarquias rígidas. Além de um funcionário administrativo situado em Nova York, quatorze pessoas dedicam seu tempo integral de trabalho à instituição: Alice, Ben, Brett, Iain, Graziela, Luis, Margaret, Pascal, Paul, Paula, Raj, Ricken, Taren e Veronique. Estes são os nomes presentes nas assinaturas das mensagens (nunca todos, em média dez deles por campanha), que compõem a chamada “equipe núcleo” da Avaaz. Estas pessoas ocupam, em diferentes locais no mundo – principalmente no chamado “norte global” (Canadá, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra e Suíça), à exceção de

³⁸ https://secure.avaaz.org/po/report_back_2/. Acesso: 6 mai. 2009.

³⁹ “Missão democrática” da Avaaz. Disponível em: <http://www.avaaz.org/po/about.php>. Acesso: 4 mai. 2009.

⁴⁰

http://www.avaaz.org/blog/en/w/paulhilder/2007/01/more_pics_from_the_dc_march_and_the_flags_we_carried.php. Acesso: 4 mai. 2009.

duas pessoas que vivem na Argentina e no Brasil – os cargos remunerados de diretores de campanha e coordenadores de campanha, além do diretor executivo e fundador, Ricken Patel, canadense de 31 anos de idade que mora em Nova York.

Esta equipe se reúne por teleconferência duas vezes por semana. Às quintas-feiras, eles realizam uma espécie de reunião de pauta, em que cada um apresenta os temas internacionais em evidência na mídia dos locais onde se encontram. Ao encontrar temas comuns, a equipe volta a se encontrar virtualmente às segundas-feiras, quando se divide em grupos de quatro pessoas, que vão se dedicar a tarefas específicas dentro de cada campanha diferente: buscar notícias relacionadas, elaborar estratégias de atuação presencial e/ou midiática e o redigir o texto dos alertas, entre outras.

Entre os coordenadores de campanha, está Graziela Tanaka, sediada no Brasil desde a fundação da ong. De sua casa no Rio de Janeiro, ela concedeu uma entrevista por telefone⁴¹ e forneceu, por *e-mail*, materiais de divulgação da Avaaz para a realização do presente trabalho. Graziela graduou-se em Sociologia e Antropologia nos Estados Unidos, onde começou a trabalhar no terceiro setor, em organizações locais. Quando voltou ao Brasil, trabalhou no Comitê para Democratização da Informática – CDI. Disse que acredita no que faz na Avaaz porque, diferentemente das ongs de atuação local em que já trabalhou e onde via resultados de pequena escala, consegue articular política e tecnologia para atuar em esfera global, que, em sua opinião, é o espaço de uma “nova democracia”. Atualmente, ela cursa uma pós-graduação em Relações Internacionais.

Além dos funcionários integrais, a Avaaz contrata consultores especialistas em política internacional, geralmente pessoas que orientam governos, de acordo com o tema da campanha que estão desenvolvendo. A ong também convoca profissionais em tempo parcial para manutenção de serviços mais operacionais, como suporte tecnológico, monitoramento da segurança de dados e transações financeiras e tradução para idiomas que nenhum dos funcionários do quadro permanente domine.

Há ainda outra força de trabalho fundamental para o funcionamento da organização: os voluntários. Além de serem os maiores responsáveis pela difusão das campanhas por *blogs* e redes sociais virtuais como *Facebook* e *Orkut*, são eles que articulam, por vezes, mobilizações presenciais em locais onde não há funcionários oficiais da Avaaz por perto: recebem por correio materiais como cartazes, faixas e camisetas, convocam pessoas para marchas e ainda fazem a cobertura desses eventos e os divulgam em páginas pessoais na internet. A realização

⁴¹ Entrevista concedida em 22 de abril de 2009.

de tarefas como traduções de textos, atualizações de bancos de dados e pesquisa de contatos políticos, entre outras, também gera a convocação dos voluntários inscritos no *site* da Avaaz, de acordo com necessidades específicas de cada campanha⁴².

Segundo Graziela, para custear suas operações, a Avaaz conta exclusivamente com doações dos seus membros apoiadores, hoje cerca de 3.400.000 pessoas de todas as nações do mundo – principalmente da França, que lidera o ranking de associados (427 mil pessoas), seguida de Estados Unidos (307 mil) e Canadá (240 mil). No Brasil, existem cerca de 80 mil membros, e a coordenadora acredita que este número tende a aumentar, assim como na Índia, Rússia e China, acompanhando prognósticos de crescimento econômico. Vale ressaltar que o número de associados à Avaaz se baseia, nas palavras de Ricken Patel, em uma “definição pós-moderna” do que é ser um membro⁴³, ou seja, o número total de membros se refere à quantidade de endereços de *e-mails* cadastrados para receberem semanalmente⁴⁴ os alertas da Avaaz, e que não representam necessariamente pessoas que assinam as petições de todas as campanhas, mobilizam-se presencialmente ou fazem qualquer doação financeira. Para se tornar um membro contabilizável da Avaaz, portanto, basta fornecer, no *site* da instituição, nome, sobrenome, um endereço eletrônico válido, um número de celular (opcional), país, estado e cidade de origem. Tais dados podem, inclusive, não ser verossímeis, conforme se verificou na inscrição de um membro fictício, cujos dados são hipotéticos e cujo endereço eletrônico, uma conta gratuita de *webmail*, foi criado exatamente para comprovar esta hipótese. Desde março de 2009, uma personagem chamada Mariana Silva recebe os alertas da Avaaz e assina as petições de suas campanhas como se fosse um indivíduo “real”.

Assim como a maioria da equipe e dos membros, o maior volume de doações financeiras provém dos países do norte, por meio de contribuições realizadas diretamente pelo *site* da Avaaz, por cartão de crédito, em pagamentos únicos ou de débito automático mensal. No momento desta pesquisa, o *site* da Avaaz divulgava um montante arrecadado no valor de 3.981.188 euros⁴⁵. Graziela diz que uma conquista recente da organização foi justamente a

⁴² Página de inscrição de voluntários: <http://www.avaaz.org/po/volunteer.php>. Acesso: 23 dez. 2008.

⁴³ Entrevista de Ricken Patel, diretor executivo da Avaaz, ao jornalista Stephen Sackur, no programa televisivo *HardTalk*, da BBC internacional, em 31 de outubro de 2007. Disponível para download em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/programmes/hardtalk/7070878.stm>. Acesso: 30 mar. 2009.

⁴⁴ A periodicidade semanal de alertas é divulgada na mensagem de confirmação que os membros recebem da Avaaz após realizarem sua inscrição no site. No entanto, o intervalo entre o lançamento de uma campanha e outra às vezes é maior que uma semana – sem passar, contudo, de duas semanas. Para fins de homogeneidade textual, tratamos aqui os alertas como semanais.

⁴⁵ <https://secure.avaaz.org/act/?r=donate&lang=po>. Acesso: 4 mai. 2009.

sustentabilidade financeira para custear suas campanhas. Em grande parte dos quase dois anos e meio de existência, a Avaaz se manteve a partir de doações iniciais de fundações e o apoio de movimentos como GetUp.org.au (que convoca a mobilização na Austrália), ResPublica, MoveOn.org e SEIU – Sindicato Internacional de Empregados de Serviços (atuantes nos Estados Unidos). Dois desses movimentos – GetUp (“Action for Australia”) e MoveOn (“Democracy in Action”) – serviram como modelos explícitos de atuação para a Avaaz, que transpôs suas práticas de ciberativismo para o nível global.

Embora se declare como uma organização global, a Avaaz é uma instituição juridicamente vinculada aos Estados Unidos, conforme se verifica no texto da política de privacidade do *site*:

Os presentes termos e condições reger-se-ão e interpretar-se-ão em conformidade com as leis dos Estados Unidos da América. Quaisquer conflitos oriundos deste documento serão sujeitas exclusivamente à jurisdição dos tribunais dos Estados Unidos da América ⁴⁶.

Por questões formais e materiais, não se pode deixar de questionar a credibilidade da Avaaz enquanto uma espécie de porta-voz dos desejos da humanidade. O “mundo que queremos”, ao qual a missão da Avaaz se refere, é proposto por meio de campanhas que são formuladas por um pequeno conjunto de quatorze pessoas situadas em contextos geográficos, sociais e culturais específicos, e cujos valores e interpretações da realidade podem não corresponder nem mesmo aos 3,4 milhões de indivíduos considerados membros da ong.

O objetivo da Avaaz é funcionar como um “alto-falante” e dar voz à “opinião pública global”, diz Graziela Tanaka, organizadora da entidade no Brasil. Apesar disso, a entidade por enquanto atinge o público com consciência política – majoritariamente branco e com educação de nível superior –, mas sem tempo de ir às ruas por causas que vão da violência em Myanmar à ação global para mitigar as mudanças climáticas. Até que ponto a conexão revolucionária radicalmente a organização da sociedade é questionável (PARDINI: 2008, 25).

Os membros da Avaaz, por sua vez, também podem refletir esferas populacionais que compartilham, ao menos, o acesso à rede mundial de computadores, cuja distribuição no planeta ainda é bastante desigual, deixando de lado a maioria da população mundial, hoje próxima de sete bilhões de pessoas⁴⁷. Não surpreende, portanto, que os países com maior representatividade na Avaaz – França, Canadá e EUA – são aqueles que apresentam os maiores índices de acesso à internet – respectivamente, 430, 520 e 630 usuários a cada mil

⁴⁶ <http://www.avaaz.org/po/privacy.php>. Acesso: 30 mar. 2009.

⁴⁷ Disponível em <http://www.ibiblio.org/lunarbin/worldpop>. Acesso: 11 mai. 2009.

pessoas⁴⁸ (UNDP: 2007, 273), enquanto em países como Etiópia e Serra Leoa, por exemplo, este índice é de duas pessoas (UNDP: 2007, 273). Como alerta Scholte (2002, 31), “enquanto aqueles com os meios correm de seu banco global para o saguão do aeroporto, centenas de milhões de pessoas de baixa renda hoje vivas nunca sequer fizeram um telefonema”.

5.2. As expressões da “voz” – mecanismos de atuação da Avaaz

Nas palavras de Graziela Tanaka, a Avaaz é uma organização voltada exclusivamente para campanhas. Conforme mencionado anteriormente, as campanhas da Avaaz têm como ponto de partida a convocação de seus membros por *e-mail*, em um mecanismo bastante simples e econômico: uma mensagem de texto, chamada de alerta, ilustrada geralmente por apenas uma foto, que descreve em tom de denúncia e urgência o contexto da campanha, e é seguida por um *link* para a sua página no *site* da Avaaz. Neste endereço, o usuário encontra o mesmo texto e a mesma imagem que recebe em sua caixa postal, seguidos, logo abaixo, por um campo que deve ser preenchido com o endereço de *e-mail* cadastrado na organização e confirmado ao se clicar na tecla “enviar”. Em seguida, o usuário é direcionado para uma página cujo título costuma ser “Obrigado por unir sua voz”, “Obrigado por assinar a petição”, “Obrigado por se mobilizar”, ou outro mais específico de acordo com a campanha em questão, e que estará também presente no assunto da mensagem de agradecimento recebida em sua caixa de entrada poucos segundos depois.

Caso o sujeito já tenha assinado a petição com aquele endereço de *e-mail*, ele é direcionado para uma página da organização indicando que ele já se mobilizou por tal causa. Tanto neste endereço quanto na página que confirma a participação do internauta na campanha, há ainda a possibilidade de encaminhar a mensagem, pelo próprio *site* da Avaaz, para toda a sua lista de endereços (importação automática no caso de contas do *Gmail*, *Yahoo*, *Hotmail* ou *Aol*) ou para contatos específicos inseridos manualmente. Nada impede, ainda, que os alertas sejam encaminhados diretamente de *e-mail* para *e-mail*, já que são mensagens de formatação simples. Se o indivíduo não tiver recebido a mensagem diretamente da Avaaz (casos em que a mensagem é encaminhada por algum contato pessoal ou postada em um *blog*, por exemplo), é provável que ele ainda não seja cadastrado no *site* da Avaaz, o que pode ser feito na página da própria campanha, de forma igualmente ligeira. A partir deste cadastro

⁴⁸ Dados referentes a 2005.

voluntário, a Avaaz ganha um novo membro contabilizável, que começará a receber todos os alertas da ong. Assim, percebe-se que as ações da Avaaz são orientadas por princípios calcados no que teóricos da internet chamam de ação “viral” ou “cultura do espalhe”, que consiste na reprodução e replicação exponencial de conteúdos em *sites* pessoais como *blogs* e *twitters*, uma espécie de “eco numa corrente infinita de conexões” (MALINI: 2007, 287). Em alguns países, a Avaaz também dispara seus alertas via mensagens de celular, aproveitando o filão de quatro bilhões de contas de telefonia móvel no mundo (ITU: 2009, 3).

É curioso notar que nenhum alerta enviado pela Avaaz tem como remetente simplesmente o nome da instituição, mas sim o nome (com sobrenome), de um dos funcionários da sua equipe central, o que sugere certo grau de personalização dos *e-mails* e que, junto às mensagens de agradecimento, contribui para a ideia de que participação de cada indivíduo na campanha é fundamental. A importância da soma de cada ação individual, aliás, fica explícita nas metas de assinatura das campanhas, indicadas nas suas respectivas páginas por meio de um contador localizado abaixo da foto ilustrativa, e que exibe os números progressivamente conforme o endereço é atualizado. As metas iniciais de assinaturas variam a cada lançamento de campanha, mas frequentemente giram em torno de 200 mil, e podem ser aumentadas posteriormente, de acordo com a receptividade e propagação do assunto na rede.

Outra provável tentativa de provocar a identificação dos receptores com as campanhas é o uso de fontes da mídia de massa local, a fim de fortalecer a defesa de seus argumentos: no final dos alertas recebidos por *e-mail*, são inseridos *links* de notícias publicadas em *sites* de veículos da grande mídia no idioma correspondente ao país em que o membro se cadastrou.

A questão idiomática, no entanto, revela facetas de inclusão e exclusão. Na página inicial da Avaaz⁴⁹ global, há *links* para o *site* da organização em quatorze idiomas: árabe, mandarim, cantonês, alemão, inglês, espanhol, francês, hebraico, italiano, japonês, coreano, holandês, português e russo. Contudo, há uma hierarquia lingüística nas campanhas da organização, e nem todas as campanhas são traduzidas para todos estes idiomas. Por razões objetivas como a falta de pessoal para realizar o trabalho de tradução e priorização para atingir as línguas maternas da maioria dos membros, ou motivos mais subjetivos como uma suposta irrelevância de determinadas campanhas para idiomas específicos, Graziela Tanaka explicou que são apenas cinco os idiomas em que todas as campanhas são veiculadas: inglês, francês, espanhol, alemão e português. Assim, as páginas iniciais de cada idioma, que destacam em seu topo a campanha mais recente da Avaaz, apresentam conteúdos diferentes.

⁴⁹ <http://www.avaaz.org/> Acesso: 14 set. 2008.

Por exemplo, no momento desta pesquisa, enquanto a página inicial dos cinco idiomas principais destacava a campanha por maior investigação e controle da gripe suína⁵⁰, a página em árabe⁵¹ ainda estava com a campanha pelo cessar-fogo em Gaza (lançada em 30 de dezembro de 2008), o endereço japonês⁵² ressaltava a convocação da greve de fome solidária pelo Zimbábue (no dia 1º de fevereiro de 2009), e no italiano⁵³ estava em evidência a campanha pela libertação dos presos políticos da Birmânia (de 18 de março de 2009)⁵⁴.

De forma geral, o *site* da Avaaz apresenta uma estrutura visual semelhante à dos alertas: simples e direta, até porque grande parte do conteúdo é uma reprodução das mensagens. No entanto, para quem navega no endereço a informação é apresentada de forma um tanto quanto desordenada e as campanhas que permanecem no ar não têm data, o que desorienta um pouco o visitante. De acordo com Graziela Tanaka, a maior parte dos visitantes não acessa o *site* ao digitar o endereço em seu navegador, mas pelo *link* das petições presente nos alertas das campanhas. Isto poderia justificar, junto aos custos enxutos de manutenção da organização, o baixo investimento em um *site* que fosse visualmente mais atraente ou com informações mais organizadas.

Como a Avaaz propõe a defesa de um mundo melhor de forma altamente abrangente, é difícil identificar, em termos de conteúdo, um tema comum para as campanhas, que podem tanto denunciar guerras, regimes despóticos e empresas multinacionais, quanto tentar influenciar o desfecho de reuniões em que são firmados acordos internacionais, entre outros assuntos, inseridos em temáticas como paz, meio ambiente e direitos humanos. Em meio à pretensão universalista, cabe mencionar como a Avaaz se posicionou à época das eleições presidenciais nos Estados Unidos em 2008, o que demonstrou uma implícita, porém evidente, predileção pelo candidato democrata Barack Obama, com direito ao lançamento de uma campanha que estimulava os cidadãos estadunidenses a irem às urnas (“Do mundo para os EUA: hora de mudança”⁵⁵) e de outra que saudava o candidato após a vitória eleitoral com um painel de mensagens de felicitações em Washington (“Parabéns Obama: vamos trabalhar

⁵⁰ Disponível em: <http://www.avaaz.org/de/>, <http://www.avaaz.org/en/>, <http://www.avaaz.org/es/>, <http://www.avaaz.org/fr/> e <http://www.avaaz.org/po/>. Acesso: 10 mai. 2009.

⁵¹ Disponível em: <http://www.avaaz.org/ar/>. Acesso: 10 mai. 2009.

⁵² Disponível em: <http://www.avaaz.org/jp/>. Acesso: 10 mai. 2009.

⁵³ Disponível em: <http://www.avaaz.org/it/>. Acesso: 10 mai. 2009.

⁵⁴ Este trabalho tampouco escapa de limitações idiomáticas: por ser redigido em português e dirigido a leitores da língua portuguesa, e ainda devido a limitações espaciais e temporais, a maior parte da análise é do conteúdo do *site* da Avaaz em português.

⁵⁵ Disponível em: http://www.avaaz.org/po/for_all_of_us/?cl=142052988&v=2342. Acesso: 31 out. 2008.

juntos”⁵⁶). Este viés torna-se tendencioso ao observarmos como o presidente estadunidense e sua equipe são tratados em todas as campanhas que envolvem os Estados Unidos como pessoas heroicas e redentoras. A partir daí, começamos a perceber como determinados assuntos podem não estar sendo incluídos na pauta de campanhas da Avaaz, como é o caso da intervenção militar dos EUA no Afeganistão, ainda defendida pelo atual presidente.

Ainda é possível verificar pontos de semelhança entre a maioria das campanhas da Avaaz no que diz respeito à associação com temas que estão em evidência na grande mídia internacional. O tempo entre a escolha de uma campanha e o seu lançamento leva cerca de uma semana. De acordo com esta lógica, novos alertas são enviados, em média, a cada semana. Caso contrário, o assunto fica “velho”, o que evidencia semelhanças com elaboração de pautas jornalísticas.

As campanhas da Avaaz podem também ser classificadas em duas grandes categorias de acordo com a ação primordial que esperam que seus membros realizem. A primeira delas é a própria assinatura das petições, também chamadas de “mensagens para o líder” por Graziela Tanaka. Esta é a mais difundida das estratégias, que consiste em encaminhar a petição para altos cargos de governos nacionais ou organizações internacionais, tanto por pressão eletrônica, que consiste em lotar a caixa de *e-mails* dessas lideranças com mensagens individuais, quanto por *lobby* político pessoal, ou seja, a entrega da petição impressa pelos representantes da equipe da Avaaz. Segundo a coordenadora brasileira, todos os diretores de campanha da organização têm articulações políticas e acesso a contatos desses líderes.

A segunda modalidade em que se inserem as campanhas da Avaaz é a captação de recursos. Por meio das mesmas ferramentas disponibilizadas no *site* para apoio ao trabalho da instituição, semelhantes às de compras *online*, algumas campanhas são lançadas com o objetivo pontual de levantar capital por uma causa específica, que pode ser desde fomentar ajuda humanitária – como foi o caso da campanha que conseguiu arrecadar dois milhões de dólares para as vítimas do ciclone ocorrido na Birmânia em 2007 – até promover a própria instituição e seus valores – como no caso da campanha que levantou 200 mil dólares para veicular na CNN um vídeo da Avaaz que satiriza uma propaganda da Exxon, corporação multinacional de petróleo e gás, em defesa de fontes renováveis e limpas de energia⁵⁷.

⁵⁶ Disponível em: http://www.avaaz.org/po/million_messages_to_obama/?cl=143171027&v=2370. Acesso: 5 nov. 2008.

⁵⁷ “Exponha a Exxon: veja o nosso vídeo”. Disponível em: https://secure.avaaz.org/po/climate_stop_corporate_spin/?cl=223428416&v=3262. Paródia do anúncio da Exxon disponível em http://www.exxonmobil.com/corporate/news_ad_corpus_r3m.aspx. Acessos: 28 abr. 2009. Esta

As campanhas da Avaaz não se restringem, no entanto, à assinatura das petições *online* ou à captação de recursos. Elas se desdobram tanto ao transcender o meio virtual, como acontece em mobilizações presenciais mais tradicionais como passeatas e variadas intervenções visuais (como o barco a vela em Trinidad e Tobago pedindo o fim do embargo a Cuba durante a Cúpula das Américas em abril de 2009⁵⁸), quanto na elaboração de produtos de comunicação como outdoors, anúncios publicitários em jornais impressos de grande circulação e vídeos. Estas ações da Avaaz coincidem com a emergência de novas modalidades de protesto político, que apresentam como uma de suas características fundamentais a “opção por manifestações lúdico-artísticas” (ASSIS: 2006, 92-93).

Os vídeos, especificamente, funcionam como forte instrumento de divulgação da Avaaz, que mantém um canal no *YouTube*⁵⁹, onde disponibiliza todo o seu material audiovisual, que compreende peças satíricas, coberturas de conferências e manifestações presenciais promovidas pela ong, registros do depoimento de lideranças comunitárias locais e gravações de mensagens por grandes celebridades internacionais, como Al Gore. No momento desta pesquisa, estava em destaque na página o vídeo “Impeça o choque de civilizações”, de março de 2007, que foi uma das campanhas mais explícitas de discurso universalista da Avaaz. Ao colocar lado a lado imagens do cotidiano nas culturas ocidental e islâmica, sobrepostas por termos usados comumente para estereotipá-las, o vídeo questiona se os seres humanos são de fato tão diferentes para viverem em conflito. Até hoje, este é o vídeo da Avaaz mais assistido pelos internautas, com 2.375.746⁶⁰ exibições. O produto ainda foi o vencedor em 2007 pelo júri popular do *Progressive Source Awards*, premiação para grupos que melhor usam a internet para conscientização e ativismo *online*⁶¹, e também da categoria de Política do prêmio *YouTube Awards* de 2007, também escolhido por voto popular⁶².

Neste ponto, vale reiterar os questionamentos levantados na seção anterior, de análise institucional. Mesmo que jamais se posicione como uma organização neutra, deixando claras

campanha da Avaaz pode ser classificada como o que Naomi Klein chama de *adbusting*: “a prática de interferir e alterar anúncios publicitários, seja através de paródias ou intervenções no próprio suporte da mensagem, como nos *outdoors*”, que “se apresenta como o perfeito instrumento com o qual registrar a desaprovação com as corporações multinacionais.” (KLEIN *apud* MAZETTI: 2007, 4).

⁵⁸ “O fim do embargo cubano”. Disponível em: http://www.avaaz.org/po/lift_cuba_embargo/?cl=218259092&v=3231. Acesso: 12 mai. 2009.

⁵⁹ <http://www.youtube.com/user/AvaazOrg>. Acesso: 21 abr. 2009.

⁶⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=WWyJJQbFago>. Acesso: 7 mai. 2009.

⁶¹ <http://www.progressivesource.com/psa/index.html>. Acesso: 7 mai. 2009.

⁶² <http://www.youtube.com/ytawards07>. Acesso: 7 mai. 2009.

suas ações de *lobby* político, a Avaaz corre o risco de contradizer a sua missão universalista nas suas práticas. A questão que se coloca, entretanto, não se volta para exigir da Avaaz uma postura de neutralidade, mas para enfatizar como a imparcialidade e o relativismo cultural absolutos são ideais dificilmente alcançáveis empiricamente em sua plenitude. Exatamente por isso, não temos condições de tomar a Avaaz como portadora permanente e incontestável dos assuntos mais urgentes para a humanidade.

5.1. Resultados: cliques ou *clippings*?

O objetivo da Avaaz e suas campanhas é ter impacto sobre as decisões políticas internacionais. Impacto, portanto, é sinônimo de sucesso. O sucesso da organização se mede tanto por critérios quantitativos, como o número de membros associados (ou seja, endereços de *e-mail* cadastrados) e assinaturas por campanha, quanto por critérios qualitativos, como o reconhecimento do ativismo *online* por lideranças políticas internacionais, o que ainda não ocorre com muita frequência, conforme admitiu Graziela Tanaka.

Para os critérios quantitativos, a cifra mais impactante da ong segue sendo seus cerca de 3,4 milhões de membros cadastrados para receber continuamente os alertas por *e-mail*. Na breve história da organização, a coordenadora brasileira cita ainda duas campanhas, com resultados satisfatórios em quesitos quantitativos e qualitativos: a campanha do Tibete (“Defenda o Tibete – Apoie o Dalai Lama”⁶³), em março de 2007, que atingiu a meta de um milhão de assinaturas em uma semana (o número mais expressivo que uma petição da Avaaz alcançou até então); e a petição de apoio aos monges a favor da democracia em Mianmar (“Mianmar, o mundo está a seu lado”⁶⁴), com 763.138 assinaturas, entregue pessoalmente ao primeiro-ministro britânico Gordon Brown em 15 de outubro de 2007⁶⁵.

O alcance das metas de assinaturas, no entanto, não é observável por visitantes ocasionais do *site* da organização. Graziela explica que, se uma campanha atinge sua meta inicial de assinaturas em pouco tempo, em dias posteriores esse valor é alterado para um número maior, para que os indivíduos que porventura ainda não tenham assinado a petição

⁶³ http://www.avaaz.org/po/tibet_end_the_violence/97.php/?cl_tf_sign=1. Acesso: 27 abr. 2009.

⁶⁴ http://www.avaaz.org/po/burma_hope_lives/. Acesso: 27 abr. 2009.

⁶⁵ “Brown recebe pedido internacional em favor da democracia em Mianmar”. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1653804-5602,00.html>. Acesso: 10 mai. 2009.

não o deixem de fazê-lo e fortaleçam o coro em prol da causa em questão. Por exemplo, as próprias campanhas do Tibete e de Mianmar contam, atualmente⁶⁶, com 1.687.540 e 840.948 assinaturas, respectivamente. Ainda assim, a coordenadora esclarece que o pico de assinaturas sempre ocorre em datas próximas ao lançamento da campanha, e é geralmente esse número que mais interessa à organização, já que as petições são encaminhadas para as lideranças em um prazo curto.

Além disso, a ong lança mão de uma estratégia que lhe ajuda ter algum tipo de controle sobre os resultados das campanhas elaboradas, que é o envio inicial dos *e-mails* de alerta apenas para um grupo de teste, composto por uma amostra aleatória de endereços da lista. Durante duas horas, monitoram-se as respostas da campanha em termos de assinaturas e disseminação do alerta em *sites* pessoais na internet. Após este intervalo, apenas se o índice de propagação da campanha é satisfatório, a campanha é levada adiante e enviada para os demais usuários cadastrados.

Na maioria dos textos dos alertas da Avaaz enviados por *e-mail*, contudo, nota-se outro objetivo explícito das campanhas: chamar a atenção da mídia e conquistar repercussão em seus veículos. Para tanto, a medição de resultados conta também com o monitoramento de veículos de comunicação de massa, explicitado pela existência de uma página dedicada à mídia no *site* da organização. Nesta página, dividida em três seções verticalmente ordenadas, revelam-se práticas familiares ao trabalho de assessores de imprensa – muito embora a Avaaz não conte com profissionais específicos para a execução desta função, que geralmente é desempenhada por voluntários.

As duas primeiras seções da página de mídia da Avaaz evidenciam um trabalho de *clipping* (FENAJ: 2007, 13), ou seja, de levantamento das matérias publicadas na mídia sobre a ONG e suas campanhas. No topo da página, encontra-se a seção “Destaques recentes”, que no momento desta pesquisa⁶⁷ indicava *links* para matérias – não tão recentes, sobretudo de acordo com critérios jornalísticos – publicadas na revista *The Economist* em fevereiro de 2007 e nos jornais *New York Times* (Estados Unidos) em junho de 2008 e *The Guardian* (Reino Unido) em fevereiro de 2009, e ainda no jornal *New Asahi Shimbun* (Japão). Vale ressaltar que, exceto a reportagem do jornal japonês, as outras três matérias foram publicadas na versão eletrônica dos jornais e da revista, o que pode indicar uma tendência de reconhecimento entre pares, isto é, de que as iniciativas da Avaaz, primordialmente virtuais, conquistam maior

⁶⁶ Em 11 de maio de 2009.

⁶⁷ Endereço: <http://www.avaaz.org/po/media.php>. Acesso: 26 abr. 2009.

visibilidade no espaço *online*, onde já atuam. Em seguida, a seção “Cobertura na imprensa recente” exibe uma extensa lista de *links* para outras matérias (tampouco recentes em termos de notícias “quentes”, datadas entre fevereiro de 2007 e março de 2009), em versão eletrônica, de veículos e idiomas diversos, as quais são aparentemente menos relevantes que as da seção acima, muito embora possam chamar a atenção dos internautas de acordo com o espaço geográfico em que se localizam. Um *link* para uma matéria do *site* do jornal *O Globo*, por exemplo, pode gerar mais identificação com apoiadores da Avaaz no Brasil do que em Portugal. Além disso, o conteúdo desta seção é o que apresenta a maior variedade de nuances, de acordo com o idioma em que o *site* é acessado.

A terceira e última seção da página de mídia revela outra tarefa corriqueira de equipes de assessoria de imprensa: a elaboração de *releases* (FENAJ: 2007, 13), textos em formato PDF, de uma ou duas páginas, com contatos de potenciais entrevistados e informações de divulgação de campanhas ou ações futuras e passadas – estas, no caso, apenas ajudam a corroborar a baixa frequência de atualização da página de mídia.

Como um todo, podemos constatar que a página dedicada à mídia no *site* da Avaaz denota certa falta de profissionalismo, pois carece de atualização, cujo nível ainda varia bastante entre os diferentes idiomas em que o *site* pode ser acessado – o que se compreende pelas limitações operacionais de tradução apresentadas no item 4.2 deste trabalho. Ainda assim, não se pode negar o interesse da Avaaz em pautar a imprensa oficial. Este movimento, por sua vez, nos faz perceber uma espécie de ciclo de retroalimentação, a partir do princípio de que as próprias campanhas são elaboradas de acordo com os temas em evidência na grande mídia, conforme apresentamos anteriormente. Este processo é constatado pelo jornalista Érico Gonçalves de Assis como uma característica comum à midiaticização dos movimentos ativistas contemporâneos: “os movimentos não apenas praticam uma comunicação “legitimada” dentro do conceito de midiaticização, mas utilizam as novas táticas para que a própria mídia garanta a circulação de seus ideais” (ASSIS: 2006, 95).

A Avaaz se depara, ainda, com os resultados virais nos quais que se baseiam teoricamente suas estratégias, e que não podem ser ignorados. Uma busca instantânea no Google impressiona: das cerca de 1.050.000 ocorrências resultantes da digitação da palavra Avaaz⁶⁸, grande parte se encontra em endereços de conteúdo livre, como *blogs*, e se refere explicitamente às campanhas da organização global, multiplicando seus chamados, elogiando-os ou disseminando seus vídeos, em uma evidência do potencial de difusão da internet. O

⁶⁸ www.google.com. Acesso: 27 abr. 2009.

próprio *blog* inserido na página da Avaaz em inglês⁶⁹ é uma das fontes mais atuais e vivas de informação sobre a organização.

Há, contudo, uma ocorrência que chama atenção por ir de encontro à receptividade positiva da Avaaz na web: um post de um *blog* alertando para que as petições da Avaaz não sejam assinadas⁷⁰. Segundo Adam Beecher, o proprietário do *blog*, um consultor de internet baseado na Irlanda, a Avaaz teria fornecido seu endereço de *e-mail* para listas de *spam*, nome dado às mensagens eletronicamente enviadas sem permissão declarada de quem a recebe (VITORINO: 2009, 76). A discussão, datada de 14 de junho de 2007, teve 35 comentários e foi respondida em dois momentos por Ricken Patel, em uma demonstração de como a organização fica atenta ao seu desempenho público na internet. O diretor executivo da Avaaz fez questão de mencionar os meandros da investigação do “roubo” de dados de membros da Avaaz por hackers, além de contar parte de sua trajetória profissional em resoluções de conflitos e promoção de direitos humanos em locais como Serra Leoa, Libéria, Sudão e Afeganistão, a fim de provar que a Avaaz não é uma organização criminosa que vende os dados de seus membros, como suspeitou Beecher. A seriedade com que a Avaaz tratou o assunto foi confirmada por Graziela Tanaka, que elucidou as investigações feitas por técnicos na Ucrânia e na Rússia sobre o suposto vazamento de informações pessoais dos membros da organização.

Como promotora de um movimento social global contemporâneo, a Avaaz está sujeita a contradições que fazem parte de sua consolidação: lida com a imposição de limitações nas esferas local e global; ao mesmo tempo em que diz que o poder está nas mãos da opinião pública, busca legitimidade em meio a lideranças tradicionais de estados; enquanto faz uso de ferramentas de informação livre para se promover, não constroi suas campanhas de forma integralmente colaborativa; busca ganhar espaço e credibilidade perante a mídia tradicional, mas testemunha o maior reconhecimento de suas ações em páginas de conteúdo livre na internet; propõe defender a humanidade ao mesmo tempo em que pode adotar posturas etnocêntricas. Não se pode afirmar, entretanto, que a Avaaz seja mal intencionada, da mesma forma que não devem ser más as motivações de mais de três milhões de pessoas que optaram por receber suas mensagens, e, quem sabe, assinar suas petições em um ato confortável e sem grandes riscos. É complicado, também, taxar de forma maniqueísta as intenções de multidões, cujos desejos são diversos. Por mais que não venham a influenciar o curso da história, estes

⁶⁹ Disponível em: <http://www.avaaz.org/blog/en/>. Acesso: 12 mar. 2009.

⁷⁰ Disponível em: <http://verbo.se/dont-sign-avaazorg-petitions/>. Acesso: 4 mar. 2009.

ativistas criam seus próprios acontecimentos, e ao menos, geram processos de identificação capazes de construir o sentido comum de que podemos compartilhar este mundo, único, sobre o qual cada um de nós guarda um pouco de responsabilidade.

Como a Avaaz não se debruça sobre uma temática específica, ela pode correr maiores riscos de ter a sua legitimidade questionada. Diferentemente de redes que se especializam em temas específicos e ganham reconhecimento a partir do momento em que se tornam *experts*, referências em determinado assunto, a Avaaz se especializa em “fazer barulho”, arriscando-se a produzir, simplesmente, cacofonia, por meio de um ativismo que é, para a maioria de seus membros, bastante confortável, por ser instantâneo e até mesmo desinteressado, devido ao baixo nível de comprometimento que lhe é exigido – o que condiz bastante com a conjuntura de laços “líquidos” da pós-modernidade descrita por Bauman (2001).

Por outro lado, podemos pensar a Avaaz como um ator altamente adaptável, capaz de se inserir nas mais diversas redes de ativismo de acordo com a campanha do momento. Assim, a organização pode ser capaz de exercer com legitimidade o papel de convocação de indivíduos e disseminação de informação dentro de movimentos mais amplos. Se considerarmos os pressupostos de que as relações sociais apresentam altos níveis de complexidade, e que o enquadramento de significados é um processo construído de forma intersubjetiva, por meio da negociação e maleabilidade de identidades e interesses (KECK & SIKKINK: 1998, 4), é possível afirmar, portanto, que quando um indivíduo recebe um *e-mail* sobre uma questão internacional impactante, agrega seu nome a uma lista de assinaturas de uma mensagem a ser enviada para uma liderança, divulga a causa entre seus contatos pessoais por meio das mais variadas possibilidades de interação propiciadas pela internet (vídeos, *blogs*, comunidades, etc), doa alguma quantia à campanha e/ou comparece a um passeata, este sujeito está participando de um processo de construção de identificação compartilhada. Neste processo, facilitado por diferentes veículos de comunicação contemporâneos, pode ser alta a probabilidade de que essa voz individual se multiplique exponencialmente, o que não deixa de carregar consigo a possibilidade de que haja, enfim, a partir da construção comum de valores normativos através de fronteiras, alguma mudança social.

6. CONCLUSÃO

Para iniciar a seção de fechamento desta monografia, ressalta-se uma citação retirada do material distribuído na oficina sobre “webativismo” (variação para o termo ciberativismo) promovida no dia 7 de maio de 2009 pelo Programa de Educação Tutorial da Escola de Comunicação da UFRJ como parte da programação da Intercom Sudeste, da qual esta autora pode participar: “a cultura digital não provoca uma ruptura plena com as culturas contemporâneas. Sempre haverá o contexto social, que não pode se separar do ‘virtual’”. O estudo de caso da Avaaz, que funciona prioritariamente a partir de uma estrutura “virtual” e é exemplo explícito de organização social que não existiria sem a internet, pode parecer desafiar tal afirmativa. Porém, o que acaba ocorrendo, como se pôde verificar ao longo deste trabalho, é a confirmação da assertiva: a Avaaz é uma instituição que necessita de forte adesão no contexto social para garantir sua legitimidade.

Ao final desta exposição, uma questão ainda carece de resposta completa: a contribuição de internautas que encaminham um *e-mail* para um mundo mais pacífico, justo ou seguro se restringe apenas ao conforto individual de suas próprias consciências? Uma das primeiras motivações para a execução desta monografia foi o questionamento desta confortável sensação pessoal de engajamento, provocada pela mera assinatura de um abaixo-assinado virtual. Esta monografia não pôde esclarecer especulações sobre os efeitos psíquicos sobre um sujeito que assina uma petição *online*, o que exigiria pesquisas qualitativas e quantitativas em um prazo muito maior do que o período em que este texto foi elaborado, além do domínio de disciplinas inacessíveis no período de realização deste trabalho.

Evidentemente, a pesquisa sobre ciberativismo não se encontra finalizada, nem mesmo em relação ao estudo de caso da Avaaz. O que se iniciou com esta monografia poderia ser complementado com tarefas que ajudassem a comprovar a eficácia da Avaaz e de seus mecanismos de atuação, mas que não puderam ser postas em prática devido a limitações de tempo, espaço e recursos, dentre as quais se podem destacar: análises estéticas e discursivas de campanhas específicas, acompanhamento detalhado dos caminhos percorridos pelas assinaturas coletadas em cada campanha da Avaaz e estudos mais aprofundados sobre os indivíduos que assinam as petições *online* – em termos quantitativos e qualitativos, isto requereria, por exemplo, a realização de séries de entrevistas a estas pessoas de “carne e osso”, a fim de desvendar alguns “perfis” de comportamento ciberativista (se ignoram os alertas, se os lêem, se assinam as petições, se as encaminham, se tomam alguma atitude que vá além da tela de seus computadores, e assim por diante).

A sensação de que um mundo melhor vai paulatinamente sendo construído por indivíduos engajados com questões que afligem a todos (sem que haja, porém, provas concretas da eficácia de tal atuação) coincide com considerações tecidas por David Chandler, professor de Relações Internacionais da Universidade de Westminster (2004) a respeito da existência da sociedade civil global enquanto uma entidade que emerge “de baixo para cima” – ou seja, constituída por indivíduos guiados única e exclusivamente por sua consciência moral. O autor critica esta concepção, que daria margem a um ativismo que se propõe lutar por um “bem maior”, mas que, na prática, busca apenas a autonomia individual, e não quer estabelecer de fato relações com uma comunidade política inclusiva. As exclusões ficam evidentes, por exemplo, na desigual distribuição de meios de comunicação, bens de consumo e recursos para a subsistência no mundo.

No caso da Avaaz, percebem-se, além da desigual distribuição de ativistas pelo planeta, aspectos que revelam uma falta até mesmo de elementar prestação de contas aos seus membros, sobre o que é feito de suas assinaturas, de seus depoimentos e dados pessoais, ou do dinheiro que doam. A equipe da Avaaz roga por urgência na assinatura de petições e na realização de doações, no entanto as campanhas *online* sequer possuem datas nos *sites* e permanecem no ar indefinidamente. Assim, o papel da Avaaz pode ficar restrito, na prática, a uma espécie de pontapé inicial para que os indivíduos busquem maiores informações sobre o tema de uma campanha, de acordo com o qual a organização não se especializa e pode não ter grande impacto final sobre as questões que defende.

No entanto, a atuação da Avaaz revela um grande potencial para impulsionar a mobilização, ao chamar a atenção dos indivíduos e sensibilizá-los para determinado assunto, por meio da utilização cada vez mais criativa das ferramentas oferecidas pela internet, que se tornam, apesar de diagnósticos pessimistas de má distribuição de recursos, cada vez mais acessíveis – exemplos vivos deste aumento na acessibilidade são a profusão de *lan houses* em periferias urbanas e a recente cobertura das manifestações contra o resultado das eleições no Irã, majoritariamente realizada através de *blogs*, *twitters* e vídeos disponibilizados *online*.

Não se pode descartar, portanto, o trabalho de conscientização exercido pela Avaaz, organizando informações que se encontram dispersas, a fim de construir um discurso comum que faça sentido para a humanidade. Resta-nos saber, todavia, de que forma a Avaaz conseguirá se manter em meio a uma infinidade de atores *online* menos pretensiosos, mas com objetivos melhor definidos. Como é uma organização relativamente recente (em termos históricos, mas já “adulta” em termos cibernéticos) não é possível traçar qual será sua trajetória daqui em diante, sobretudo em tempos voláteis como os atuais.

7. REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 209-237.

ASSIS, Érico Gonçalves de. O novo protesto: ativismo político midiaticizado. In: COGO, Denise; MAIA, João (orgs.). **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006, p. 85-98.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.

BAUMAN, Zygmunt. Depois da Nação-estado, o quê? In: **Globalização**: As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 63-84.

BLOMBERG News. A velha economia, de novo. **O Globo**, 29 mai. 2009. Economia, p. 25.

CAMPOS, Emilene de Oliveira. **Ativismo na rede**: informação, organização e espetáculo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

CAMPOS, Gustavo Barreto de. **Comunicação contra-hegemônica e direitos humanos**: a construção de redes de comunicação popular em um contexto de centralização da produção de bens culturais. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2007.

CAMPOS, Renato Márcio Martins de. Indústria cultural e cultura da mídia: produção e distribuição do entretenimento na sociedade global. **Communicare**, vol. 6, nº 1, 1º semestre de 2006. São Paulo: Faculdade Casper Líbero, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

CHANG, Jung. **Cisnes Selvagens**: três filhas da China. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHANDLER, David. Building Civil Society 'From Below'? **Millenium**: Journal of International Studies, vol. 33, n. 2, 2004.

COX, Robert W. Civil Society at the turn of the millenium: prospects for na alternative world order. **Review of International Studies**, v. 25, 1999, p. 3-28.

DERIVI, Carolina. Política sem truques (entrevista a Soninha Francine). **Página 22**, São Paulo, dez. 2008 / jan. 2009, p. 35-37.

ERCILIA, Maria. **A internet**. São Paulo: Publifolha, 2000. – (Folha explica).

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Manual de Assessoria de Comunicação/Imprensa 2007**. 4ª edição revista e ampliada. Brasília: FENAJ, 2007. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf. Acesso: 26 abr. 2009.

FERNBACK, Jan; THOMPSON, Brad. **Virtual Communities: Abort, Retry, Failure?** International Communication Association, Albuquerque, New Mexico, maio de 1995. Disponível em <http://www.rheingold.com/texts/techpolitix/VCCivil.html>. Acesso: 25 mai. 2009.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, set-dez 2008, p. 439-455.

GUILLAUME, Marc. A revolução comutativa. In: **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 142-160.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

IANNI, Octavio. As Ciências Sociais na Época da Globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13, n. 37, junho de 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso: 25 mai. 2009.

ITU – International Telecommunication Union. **Measuring the Information Society: the ICT Development Index**. Genebra: ITU, 2009. Disponível em: http://www.itu.int/ITU-D/ict/publications/idi/2009/material/IDI2009_w5.pdf. Acesso: 12 mai. 2009.

JAY, Alice. **Liberte os presos políticos**. Alerta enviado por e-mail pela Avaaz em 18 de março de 2009. Disponível na seção de anexos deste trabalho.

JOHNSON, Steven. **Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KECK, Margaret E.; SIKKINK, Kathryn. **Activists beyond borders: advocacy networks in international politics**. Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 1998.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

LÉVY, Pierre. O ciberespaço e a economia da atenção. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 174-188.

LOPES, Mônica Schieck Chaves. **Flash mob: uma experiência dos meios de comunicação como suporte para novas práticas subjetivas e sociais**. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO, 2006.

LINO, Antonio. **Mobilização social**. Artigo publicado no site do movimento “Um Milhão de Histórias de Vida de Jovens”, 2006. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/ummilhao/biblioteca/mobilizacaosocial.pdf>. Acesso: 18 mai. 2009.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre: ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 248-285.

MALINI, Fábio. **O Comunismo das redes**: sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO, 2007.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Ativismo midiático, redes sociais e novas tecnologias de informação e comunicação**. Trabalho apresentado ao GT Práticas sociais de comunicação, do XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste. Juiz de Fora: 16-18 mai. 2007.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 17-38.

PARDINI, Flavia. Pares em rede. **Página 22**, São Paulo, dez. 2008 / jan. 2009, p. 23-25.

PARENTE, André. Prefácio. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 9-13.

PASQUINO, Gianfranco. Mobilização. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 2ª ed., Brasília: UnB, 1986, p. 765-766.

PERRIELO, Tom. **Anúncio de TV sobre aquecimento global será veiculado em capitais de 3 continentes**. Press-release Avaaz, 5 fev. 2007. Disponível em: http://avaazpress.s3.amazonaws.com/48_ClimateWakeUpLaunch-po.pdf. Acesso: 6 mai. 2009.

PINHEIRO, Marta de Araújo. Redes – um novo projeto político da comunicação. In: COGO, Denise; MAIA, João (orgs.). **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006, p. 71-83.

RAMOS, Leonardo César Souza; GÓMEZ, José Maria. **A sociedade civil em tempos de globalização**: uma perspectiva neogramsciana. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, Instituto de Relações Internacionais, 2005.

ROCHA, Ruth. Minidicionário Ruth Rocha / Hindeburg da Silva Pires. São Paulo: Scipione, 2001.

SAFATLE, Amália; DERIVI, Carolina. Comunidade de destino (entrevista a Humberto Mariotti). **Página 22**, São Paulo, março de 2009, p. 10-15.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **A Globalização e as ciências sociais**. 2ª ed., São Paulo: 2002.

SCHIECK, Mônica. **Mobilizações em rede**: interatividade e novos desafios. II Simpósio Nacional da ABCiber, 2008, São Paulo. Anais do evento, 2008.

SCHIECK, Mônica. **Ciberativismo**: um olhar sobre as petições online. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf>. Acesso: 2 jun. 2009.

SCHOLTE, Jan Aart. **What is Globalization?** The Definitional Issue – Again. Coventry, UK: CSGR Working Paper 109/02, dezembro de 2002.

SEIXAS, Fábio. Micro-blogging. In: SPYER, Juliano (org.). **Para entender a internet:** noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Creative Commons: 2009, p. 31. Disponível em: <http://paraentenderainternet.blogspot.com/2009/01/baixe-o-pdf-do-livro.html>. Acesso: 15 abr. 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOUZA, Edney. Blog. In: SPYER, Juliano (org.). **Para entender a internet:** noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Creative Commons: 2009, p. 31. Disponível em: <http://paraentenderainternet.blogspot.com/2009/01/baixe-o-pdf-do-livro.html>. Acesso: 15 abr. 2009.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

UNDP – United Nations Development Programme. **Human Development Report 2007/2008.** New York: Palgrave Macmillan, 2007.

UN News. **UN Agencies Rally to End Female Genital Mutilation within a Generation.** 27 de fevereiro de 2008. Disponível em: http://www.unifem.org/news_events/story_detail.php?StoryID=672. Acesso: 21 mai. 2009.

VAZ, Paulo. Esperança e excesso. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede:** novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 189-208.

VITORINO, Marcelo. Spam. In: SPYER, Juliano (org.). **Para entender a internet:** noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Creative Commons: 2009, p. 76-77. Disponível em: <http://paraentenderainternet.blogspot.com/2009/01/baixe-o-pdf-do-livro.html>. Acesso: 15 abr. 2009.

Audiovisuais

HARD Talk. Entrevista de Ricken Patel, diretor executivo da Avaaz, ao jornalista Stephen Sackur. BBC internacional, 31 out. 2007. 23m41s, cor. Disponível para *download* em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/programmes/hardtalk/7070878.stm>. Acesso: 30 mar. 2009.

HISTORY of the Internet. Criado por PICOL – Pictorial Communication Language. Animação, 7m51s, P&B. Disponível em <http://www.vimeo.com/2696386>. Acesso: 20 abr. 2009.

HOTEL Ruanda. Direção: Terry George. Produção: A. Kitman Ho e Terry George. Intérpretes: Don Cheadle, Sophie Okonedo, Nick Nolte, Joaquin Phoenix. Roteiro: Terry George e Keir Pearson. Música: Andrea Guerra, Rupert Gregson Williams e Afro Celt Sound System. África do Sul, Estados Unidos, Itália, Reino Unido: United Artists, 2004. 1 DVD (121 min.), cor, MGM Home Entertainment.

R3M. Corporate Ad Program. Exxon, 2009. 33s, cor. Disponível em http://www.exxonmobil.com/corporate/news_ad_corpus_r3m.aspx. Acesso: 28 abr. 2009.

Websites

350.org. www.350.org. Acesso: 14 jun. 2009.

AbaixoAssinado.org. **Campanha nacional em defesa da auto-hemoterapia**. <http://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/736>. Acesso: 14 jun. 2009.

Avaaz. www.avaaz.org. Acesso: 14 set. 2008.

_____ **Apóie nosso trabalho**. <https://secure.avaaz.org/act/?r=donate&lang=po>. Acesso: 4 de mai. 2009.

_____ **Blog**. <http://www.avaaz.org/blog/en/>. Acesso: 12 de mar. 2009.

_____ **Campanhas Avaaz**. https://secure.avaaz.org/po/report_back_2/. Acesso: 6 mai. 2009.

_____ **Defenda o Tibete – Apoie o Dalai Lama**. http://www.avaaz.org/po/tibet_end_the_violence/97.php/?cl_tf_sign=1. Acesso: 27 abr. 2009.

_____ **Exponha a Exxon: veja o nosso vídeo**. https://secure.avaaz.org/po/climate_stop_corporate_spin/?cl=223428416&v=3262. Acesso: 28 abr. 2009.

_____ **Do mundo para os EUA: hora de mudança**. http://www.avaaz.org/po/for_all_of_us/?cl=142052988&v=2342. Acesso: 31 out. 2008

_____ **Mianmar, o mundo está ao seu lado**. http://www.avaaz.org/po/burma_hope_lives/. Acesso: 27 abr. 2009.

_____ **Mídia**. <http://www.avaaz.org/po/media.php>. Acesso: 26 abr. 2009.

_____ **Missão democrática da Avaaz**. <http://www.avaaz.org/po/about.php>. Acesso: 4 mai. 2009.

_____ **More pics from the DC march, and the flags we carried...** http://www.avaaz.org/blog/en/w/paulhilder/2007/01/more_pics_from_the_dc_march_and_the_flags_we_carried.php. Acesso: 4 mai. 2009.

_____ **O fim do embargo cubano**. http://www.avaaz.org/po/lift_cuba_embargo/?cl=218259092&v=3231. Acesso: 12 mai. 2009.

_____ **Parabéns Obama: vamos trabalhar juntos**. http://www.avaaz.org/po/million_messages_to_obama/?cl=143171027&v=2370. Acesso: 5 nov. 2009.

_____ **Política de privacidade**. <http://www.avaaz.org/po/privacy.php>. Acesso: 30 mar. 2009.

_____ **Torne-se um voluntário!** <http://www.avaaz.org/po/volunteer.php>. Acesso: 23 dez. 2008.

BBC Brasil. **Em imagens – A Batalha de Seattle**, 1 dez. 1999, http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_seattle_img.htm. Acesso: 13 jun. 2009

_____ **OMC fracassa em Seattle**, 6 dez. 1999, http://www.bbc.co.uk/portuguese/esp_seattle_rodad_03.12.htm. Acesso: 13 jun. 2009.

Desciclopédia. http://desciclo.pedia.ws/wiki/Página_principal. Acesso: 27 mai. 2009.

Eletrocooperativa. www.eletrocooperativa.org.br. Acesso: 28 mai. 2009.

Facebook. www.facebook.com. Acesso: 27 mai. 2009.

Global Voices. www.globalvoicesonline.org. Acesso: 14 jun. 2009.

GoPetition. **Queremos Cristiano Ronaldo no Brasil.**

<http://www.gopetition.com/petitions/queremos-cristiano-ronaldo-no-brasil.html>. Acesso: 14 jun. 2009.

Greenpeace Brasil. **Cyberativismo.** <http://www.greenpeace.org/brasil/participe/ciberativismo>. Acesso: 15 mai. 2009.

G1 – Mundo. **Brown recebe pedido internacional em favor da democracia em Mianmar,** 15 out. 2007. <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1653804-5602,00.html>. Acesso: 10 mai. 2009.

LinkedIn. www.linkedin.com. Acesso: 27 mai. 2009.

MobileActive. www.mobileactive.org. Acesso: 14 jun. 2009

MoveOn. www.moveon.org. Acesso: 4 jun. 2009.

MovieMobz. www.moviemobz.com. Acesso: 2 abr. 2009.

The Official Site of the Prime Minister's Office. <http://petitions.number10.gov.uk>. Acesso: 13 jun. 2009.

Orkut. www.orkut.com. Acesso: 27 mai. 2009.

Progressive Source Awards. <http://www.progressivesource.com/psa/index.html>. Acesso: 7 mai. 2009.

The Real Battle in Seattle. **Simultaneous Global Anti-WTO Actions Reports.**

<http://realbattleinseattle.org/node/32>. Acesso: 13 jun. 2009.

Snopes.com. **Frequently Asqued Questions.** <http://www.snopes.com/info/faq.asp>. Acesso: 11 jun. 2009.

_____. **Slacktivism.** <http://www.snopes.com/info/glossary.asp#slack>. Acesso: 11 jun. 2009.

TakingITGlobal. www.tigweb.org. Acesso: 14 jun. 2009.

Union of International Associations. <http://www.uia.be/sites/uia.be/db/db/x.php>. Acesso: 4 mai. 2009.

Verbo.se. **Don't sign Avaaz.org petitions.** <http://verbo.se/dont-sign-avaazorg-petitions/>. Acesso: 4 mar. 2009.

Vimeo. www.vimeo.com. Acesso : 27 mai. 2009

Wikipedia. www.wikipedia.org. Acesso: 27 mai. 2009.

_____. **Abaixo assinado.** <http://pt.wikipedia.org/wiki/Abaixo-assinado>. Acesso: 12 jun. 2009.

_____. **Copyleft.** <http://pt.wikipedia.org/wiki/Copyleft>. Acesso: 28 mai. 2009.

World Population. <http://www.ibiblio.org/lunarbin/worldpop>. Acesso: 11 mai. 2009.

YouTube. www.youtube.com. Acesso: 27 mai. 2009.

_____ **AvaazOrg**. <http://www.youtube.com/user/AvaazOrg>. Acesso: 21 abr. 2009

_____ **Stop the Clash of Civilizations**.

<http://www.youtube.com/watch?v=WWyJJQbFago>. Acesso: 7 mai. 2009.

_____ **2007 Video Awards**. <http://www.youtube.com/ytawards07>. Acesso: 7 mai. 2009.

8. ANEXOS

8.1. Passo a passo para apoiar uma campanha da Avaaz

8.1.1. Alerta recebido por e-mail

De: Alice Jay - Avaaz.org (avaaz@avaaz.org)
Para: murbail@yahoo.com.br
Data: Quarta-feira, 6 de Maio de 2009 12:45:26
Assunto: A verdade sobre a gripe su?

Caros amigos,

Ninguém sabe ainda se a **gripe suína** vai se tornar uma pandemia mundial, mas está ficando cada vez mais claro **de onde ela veio: muito provavelmente de uma gigantesca fazenda industrial de criação de suínos** mantida por uma corporação multinacional americana em Veracruz, México.

Essas **fazendas industriais** são repulsivas e perigosas e se multiplicam rapidamente. Milhares de porcos são brutalmente comprimidos para dentro de celeiros imundos e recebem um jato com um coquetel de drogas, pondo em risco sanitário mais do que simplesmente nossa alimentação. Esses animais e suas lagoas de estrume criam as condições ideais para gerar novos e perigosos vírus como o da gripe suína. **A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização para a Agricultura e Alimentação (FAO) precisam investigar e criar mecanismos de controle para essas fazendas a fim de proteger a saúde do mundo.**

Grandes empresas de agronegócio tentarão obstruir qualquer tentativa de reforma, então precisamos de um protesto em massa que as autoridades de saúde não possam ignorar. **Inclua seu nome neste abaixo-assinado pedindo uma investigação e controle de fazendas industriais e divulgue-o entre seus amigos e familiares**, que nós o entregaremos aos órgãos da ONU. Se conseguirmos 200.000 assinaturas, entregaremos o abaixo-assinado à OMS, em Genebra, juntamente com um rebanho de porcos de papelão. Para cada 1000 assinaturas, acrescentaremos um porco ao rebanho:

http://www.avaaz.org/po/swine_flu_pandemic

Na semana passada, a gripe era o único assunto: o México tem estado quase em paralisia e em todo o mundo as autoridades suspenderam o tráfego aéreo, baniram as importações de carne de porco e iniciaram drásticas medidas de controle para atenuar a propagação do vírus. Enquanto a ameaça mostra sinais de apaziguamento, a questão se desloca para a origem e o modo de conter outro surto.

A Smithfield Corporation, maior produtor de suínos do mundo, cuja fazenda está sendo apontada como fonte do surto do vírus H1N1, nega qualquer ligação entre seus porcos e a gripe, enquanto grandes empresas de agronegócio em todo o mundo gastam enormes quantias de dinheiro em pesquisas para comprovar que a biossegurança é garantida na produção industrial de suínos. Porém, há anos a OMS tem dito que “uma nova pandemia é inevitável” e os especialistas da Comissão Europeia e da FAO têm alertado que **a rápida transformação de pequenas propriedades em locais de produção industrial de porcos aumenta o risco de geração e transmissão de epidemias de doenças**. Os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA alertam que os cientistas ainda não conhecem todos os efeitos que os compostos contagiosos produzidos em fazendas industriais têm sobre a saúde humana.

Há inúmeros estudos sobre as condições atrozes em que vivem os porcos nesses ambientes de produção concentrada e de grande escala, e sobre o devastador impacto econômico da produção excessiva e de grande escala sobre as comunidades de pequenos agricultores. **A própria Smithfield já foi multada em \$12,6 milhões e atualmente é alvo de uma investigação do governo americano** devido a



Estão surgindo indícios de que a **gripe suína** teve origem em **gigantescas fazendas industriais de criação de suínos**. Inclua seu nome no abaixo-assinado pedindo que a Organização Mundial da Saúde e a Organização para a Agricultura e Alimentação **investiguem e controlem** essas ameaças a nossa saúde:

[Mobilize-se agora](#)

danos tóxicos causados por lagos de excrementos de porcos ao meio ambiente.

Porém, mesmo com todos esses indícios de danos, a combinação do aumento do consumo mundial de carne e de uma indústria poderosa motivada pelo lucro às custas da saúde humana significa que em vez de serem encerradas, **as operações nocivas dessas fazendas industriais estão se multiplicando em todo o mundo, subsidiadas por nós mesmos**. No rastro dessa ameaça da gripe suína, vamos fazer com que os produtores industriais de suínos assumam sua responsabilidade. Inclua seu nome no abaixo-assinado para pedir investigação e controle:

http://www.avaaz.org/po/swine_flu_pandemic

Se dermos fim a essa crise sanitária mundial com coragem reavaliando nosso padrão de consumo e produção de alimentos e pedindo urgentemente um estudo sobre o impacto de fazendas industriais sobre a saúde humana, poderíamos criar regras severas de controle dessas fazendas que salvarão a população mundial de uma futura pandemia mortal de origem animal.

http://www.avaaz.org/po/swine_flu_pandemic

Com esperança,

Alice, Pascal, Graziela, Paul, Brett, Ben, Ricken, Iain, Paula, Luis, Raj, Margaret, Taren e toda a equipe da Avaaz

Leia mais:

BBC Brasil (28 de abril de 2009) -- "FAO investigará fazendas onde pode ter surgido gripe suína"

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090428_faogripe_ba.shtml

Estadão.com.br (28 de abril de 2009)-- "Gripe suína pode ter surgido em vila mexicana perto de granja"

<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,gripe-suina-pode-ter-surgido-em-vila-mexicana-perto-de-granja,361806,0.htm>

Blog da Terra (27 de abril de 2009) -- "FAO procura focos de novo vírus em criação de porcos"

<http://blogdaterra.com.br/2009/04/27/fao-procura-focos-de-novo-virus-em-criacao-de-porc0s/>

SOBRE A AVAAZ

Avaaz.org é uma organização independente sem fins lucrativos que visa garantir a representação dos valores da sociedade civil global na política internacional em questões que vão desde o aquecimento global até a guerra no Iraque e direitos humanos. Avaaz não recebe dinheiro de governos ou empresas e é composta por uma equipe global sediada em Londres, Nova York, Paris, Washington DC, Genebra e Rio de Janeiro. Avaaz significa "voz" em várias línguas europeias e asiáticas. Telefone: +1 888 922 8229

Você está recebendo esta mensagem porque você assinou "[Mianmar, o mundo está ao seu lado](#)" no 2007-10-31 usando o email marbail@yahoo.com.br. Para garantir que os nossos alertas cheguem na sua caixa de entrada, por favor adicione avaaz@avaaz.org na sua lista de endereços. Para mudar o email inscrito, sua língua ou outras informações pessoais, clique

aqui: <https://secure.avaaz.org/act/index.php?r=profile&user=9a6cd4cb3460886d168a71a65c94a962>(=po ou [clique aqui](#) para

remover o seu email da nossa lista.

8.1.2. Página de campanha

Grpe suína: investigar e controlar - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.avaaz.org/po/swine_flu_pandemic/?cl=227670021&v=3277

Google

AVAAZ.ORG
O MUNDO EM AÇÃO

INSCRIÇÃO | CAMPANHAS | ENVIAR | BLOG | MÍDIA | QUEM SOMOS


ENGLISH العربية DEUTSCH РУССКИЙ ESPAÑOL FRANÇAIS
עברית 한국어 繁體中文 簡體中文 日本語 NEDERLANDS ITALIANO

GRYPE SUÍNA: INVESTIGAR E CONTROLAR

Estão surgindo indícios de que a gripe suína teve origem em gigantescas fazendas industriais de criação de suínos sujas, perigosas e desumanas.

Vamos pedir à Organização Mundial da Saúde e à Organização para a Agricultura e Alimentação, dois órgãos das Nações Unidas, que investiguem e controlem essas fazendas a fim de proteger a saúde do mundo. Grandes empresas de agronegócio tentarão obstruir qualquer tentativa de reforma, então precisamos de um protesto em massa que as autoridades de saúde não possam ignorar.

Inclua seu nome neste abaixo-assinado e divulgue-o entre seus amigos e familiares, que nós o entregaremos aos órgãos da ONU. Se conseguirmos 200.000 assinaturas, entregaremos o abaixo-assinado à OMS, em Genebra, juntamente com um rebanho de porcos de papelão. Para cada 1000 assinaturas, acrescentaremos um porco ao rebanho:



É assim que nossa mensagem seria entregue

230,210

230,210 já assinaram o abaixo-assinado. Nossa meta: 250,000

Assine a Petição

Você já é um apoiador da Avaaz? Então só precisa preencher seu email e clicar Enviar.

ENVIAR

Primeira vez aqui? Por favor preencha o formulário.

Nome:

E-mail:

Celular:

País:

CEP:

Avaaz.org protegerá sua privacidade.

ENVIAR

AVISE SEUS AMIGOS

Convide seus amigos, familiares e colegas a participar! Abaixo está uma pequena mensagem sobre essa campanha que você pode enviar. Envie somente para pessoas que você conhece pessoalmente. Mensagens de spam não ajudam nosso trabalho!

[Clique aqui para abrir um e-mail e convidar seus amigos a participarem.](#)

Ou copie o texto abaixo para o corpo de um e-mail seu para amigos e familiares.

Preencha seu nome aqui

Digite aqui o seu e-mail

Assunto

Língua

Oi,

Você sabia que cada vez mais há indícios da ligação entre fazendas industriais e a gripe suína? Organizações internacionais têm alertado que essas fazendas industriais operando em condições desumanas e imundas há anos têm sido

Importar automaticamente da minha lista de endereços. Selecione essa opção para baixar seus contatos do Gmail, Yahoo!, Hotmail ou AOL.

[Mais amigos](#)

Preencher manualmente os endereços de email das pessoas que eu conheço.

E-mail

[Adicione um amigo](#)

Aviso importante: a Avaaz não guarda os emails dos seus amigos. Essa ferramenta serve somente para facilitar a divulgação da campanha.

ENVIAR

Contato | Política de Privacidade | Retorno | Mídia & Imprensa

©Copyright 2008 AVAAZ.ORG TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Concluído

8.1.3. Mensagem de agradecimento

De: Avaaz (avaaz@avaaz.org)

Para: murbail@yahoo.com.br

Data: Quinta-feira, 7 de Maio de 2009 13:28:39

Assunto: Obrigado por unir sua voz a nosso abaixo-assinado pedindo investigação e controle das fazendas industriais.

Obrigado por unir sua voz a nosso abaixo-assinado pedindo investigação e controle das fazendas industriais e a manutenção do cumprimento das normas mundiais de segurança sanitária. Com 200.000 assinaturas, o abaixo-assinado será entregue à dra. Margaret Chan, Diretora-Geral da OMS, órgão da ONU em Genebra, juntamente com um rebanho de porcos de papelão. Acrescentaremos um porco para cada mil assinantes. Para aumentar a força da mensagem, divulgue este abaixo-assinado entre seus amigos e familiares enviando-lhes o link ou e-mail abaixo:

http://www.avaaz.org/po/swine_flu_pandemic/97.php?cl_tta_sign=2926a3780eec92d9ec46ec069b23685f

Obrigado mais uma vez por sua ajuda,

Alice, Pascal, Graziela, Paul, Ben, Paula, Brett, Luis, Ricken, Iain, Margaret e a equipe da Avaaz

8.2. Campanha de arrecadação de recursos (adbusting)

AVAAZ.ORG
O MUNDO EM AÇÃO

[INSCRIÇÃO](#) | [CAMPANHAS](#) | [ENVIAR](#) | [BLOG](#) | [MÍDIA](#) | [QUEM SOMOS](#)

ENGLISH العربية DEUTSCH РУССКИЙ ESPAÑOL FRANÇAIS
日本語 한국어 简体中文 繁體中文 日本語 NEDERLANDS ITALIANO

EXPONHA A EXXON: VEJA O NOSSO VÍDEO

Representantes das 17 maiores economias do mundo estão se reunindo em Washington para discutir um novo tratado global contra as mudanças climáticas. Enquanto isso a indústria do petróleo, carvão e gás estão investindo milhões em lobby e propaganda para fingir um interesse pelas mudanças climáticas enquanto impedem avanços nas políticas ambientais.

A equipe da Avaaz acabou de terminar um anúncio satirizando a propaganda "ambientalista" da Exxon Mobil. **Vamos colocar este anúncio na CNN** para despertar a atenção dos líderes de governo presentes no encontro em Washington. **Precisamos arrecadar USD\$ 100.000 para poder colocá-lo no ar.** Veja o anúncio e faça uma doação. Qualquer quantia, pequena ou grande, irá nos ajudar a colocar o anúncio no ar!

Ajude a colocar este anúncio na CNN!

\$151816

arrecadados!

Use esse formulário para doar com um cartão de crédito: Ou [clique aqui](#) para doar através de uma conta paypal.

DONATE

1 Dados sobre você

☒ Doação única ☐ Doação mensal

Nome

Sobrenome

E-mail

País

Estado

Cidade

CEP

3 Dados do cartão de crédito

Tipo

Número do cartão

Código de segurança

Data de validade

Sua doação será processada assim que você clicar o botão "Enviar"

ENVIAR

* Trata-se dos 3 dígitos no verso do cartão (nos cartões AMEX, são 4 dígitos na frente)

2 Escolha uma moeda e o valor

Currency

☐ \$25 ☐ \$50 ☒ \$100 ☐ \$500 ☐ \$1000 ☐ \$5000

☐ Outro

AVISE SEUS AMIGOS

Convide seus amigos, familiares e colegas a participar! Abaixo está uma pequena mensagem sobre essa campanha que você pode enviar. Envie somente para pessoas que você conhece pessoalmente. Mensagens de spam não ajudam nosso trabalho!

[Clique aqui para abrir um e-mail e convidar seus amigos a participarem.](#)

Ou copie o texto abaixo para o corpo de um e-mail seu para amigos e familiares.

Preencha seu nome aqui

Digite aqui o seu e-mail

Assunto

Língua

Líderes de 17 países estão se reunindo em Washington para uma rodada de discussões sobre as mudanças climáticas, dando início às negociações que irão definir o novo tratado climático global. Porém, empresas de petróleo estão inundando a mídia com anúncios fingindo uma preocupação ambiental. A Avaaz.org criou um vídeo satirizando o anúncio "ambiental" da Exxon. Ele é hilário, veja

Importar automaticamente da minha lista de endereços. Selecione essa opção para baixar seus contatos do Gmail, Yahoo!, Hotmail ou AOL.

[Mais amigos](#)

Preencher manualmente os endereços de email das pessoas que eu conheço.

E-mail

[Adicione um amigo](#)

Aviso importante: a Avaaz não guarda os emails dos seus amigos. Essa ferramenta serve somente para facilitar a divulgação da campanha.

ENVIAR

Contato | Política de Privacidade | Retorno | Mídia & Imprensa

©Copyright 2008 AVAAZ.ORG TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Concluído

8.3. Página de mídia

Avaaz.org - The World in Action - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.avaaz.org/pt/media.php

11,187,331 ações esse ano

AVAAZ.ORG
O MUNDO EM AÇÃO

INSCRIÇÃO | CAMPANHAS | ENVIAR | BLOG | MÍDIA | QUEM SOMOS

ENGLISH العربية DEUTSCH РУССКИЙ ESPAÑOL FRANÇAIS
ไทย ภาษาไทย 廣東話 繁體中文 繁體中文 日本語 NEDERLANDS ITALIANO

MÍDIA

Para informações à imprensa, favor entrar em contato com: [portugues\[arroba\]avaaz.org](mailto:portugues[arroba]avaaz.org).

Destques recentes

Protesta en velero contra el embargo

Protesta contra el embargo a Cuba

Un velero navega frente a Puerto España para pedir el fin del embargo a Cuba

Cuba inside, shutdown outside

Activistas pidieron fin de embargo a Cuba frente a costa de Trinidad y Tobago

Un velero navega frente a Puerto España para pedir fin embargo Cuba

It's not easy being green

It's not easy being green - guardian.co.uk

The Economist

Asahi Shimbun: NGO convinces Prime Minister to develop mid-term goal

Obama: Retire o Embargo a Cuba

G20: uma nova economia começa aqui

Justiça na Guerra contra o Terror

Cobertura na imprensa recente

Green Hard Hats Descend on State Department Today : TreeHugger (27 April 2009)

Un velero navega frente a Puerto España para pedir el fin del embargo a Cuba (19 April 2009)

BBCCanbbean.com | Cuba inside, shutdown outsideOne global web-based group decided to stage their protest in the west Trinidad port of of Chaguaramas. We urge the United States government to move from isolation to constructive engagement with Cuba--initiating dialogue and lifting the embargo, said Avaaz.org in its petition. (19 April 2009)

Environmentalists sceptical of 2050 cut | The Brunei Times (14 April 2009)

FT Alphaville : Soros gets his way with the G20 (3 April 2009)

G20 summit: the groups behind the protests - TelegraphGreen hard hats photo. (29 March 2009)

BBC NEWS | Amid the crowds on G20 marchAvaaz green hard hats everywhere! (29 March 2009)

EU must not cool its commitment to efficient appliances-- EUbusiness.com - business, legal and economic news and information from the European Union (24 March 2009)

Cyberactivism - Inquirer.net, Philippine News for Filipinos (1 February 2009)

Super Heroes - Good Deeds, Hottest Bachelors : People.comBicken Patel, Co-founder of Avaaz, listed in People Magazine Hot Bachelors 2008 (15 January 2009)

allAfrica.com: Thousands Attend Cosatu Demonstration At SADC SummitThe protesters marched to the summit venue waving red cards - the universally recognised football symbol for expulsion. The global campaigning organisation AVAAZ formed an internet #039;Red Card Campaign, #039; to support the protest in South Africa. Thousands also joined the call to show their support for the people of Zimbabwe by sending a red card online. (18 August 2008)

Bush signs G8 deal to halve greenhouse gas emissions by 2050 | Environment | guardian.co.ukGreen groups slammed the deal, although they privately acknowledged that Bush has shifted his position substantially from a time when he denied the science of climate change. (9 July 2008)

Ambientalistas criticam metas de redução de emissões do G-8 - O Globo OnlineNão foi diferente a crítica dos advogados da ONG Avaaz . Eles divulgaram hoje um anúncio de página inteira no jornal americano Financial Times. (9 July 2008)

CBC - Canada trumpets G8 vow to halve emissions by 2050The environmental group Avaaz.org ran a full-page advertisement in the Financial Times accusing Harper, U.S. President George Bush and Japanese Prime Minister Yasuo Fukuda of blocking emission targets for 2020 (8 July 2008)

Oil prices temper G8 climate change declaration: HarperOn Tuesday, an environmental group called Avaaz.org ran a full-page ad in the Financial Times accusing Bush, Harper and Japanese Prime Minister Yasuo Fukuda of blocking support for concrete mid-term targets. (8 July 2008)

AVISE SEUS AMIGOS

Avaaz Blog - The Global Voice

87,000+ of us marched on DC through the internet! Pictures on the blog now of our flags and banners. The protesters in DC loved it. What did your virtual placard say? [Read more >](#)

ENVIAR

Após nosso trabalho

8.4. Canal da Avaaz no YouTube

The screenshot displays the YouTube channel page for Avaaz.org. The interface is in Portuguese. At the top, the YouTube logo and navigation links are visible. The channel banner features the text "STOP THE CLASH" and images of two women. The left sidebar provides channel details: "Avaaz.org", "Participante desde: 2 de fevereiro de 2007", "Último acesso: 1 semana atrás", "Inscritos: 2212", and "Exibições do canal: 93401". Below this, a description of the organization is provided, followed by a list of interests and a link to the website. The main content area shows a grid of video thumbnails with titles such as "For all of US", "Avaaz Burma Petition Delivery", "Stop the Clash '08", "Small Islands climate campaign", "The London Handshake - Give", "Al Gore/Avaaz/Live", "Avaaz.org - Climate Wake Up", "The London Handshake - Give", and "The Bank". The right sidebar includes a "My Vlog" section and a list of subscribers.

Channel Information:

- Nome:** Avaaz.org
- Participante desde:** 2 de fevereiro de 2007
- Último acesso:** 1 semana atrás
- Inscritos:** 2212
- Exibições do canal:** 93401

Description: Avaaz.org (Our name means "Voice" or "Song" in several languages including Hindi, Urdu, Farsi, Nepalese, Dari, Turkish, and Bosnian) is a community of global citizens who take action on the major issues facing the world today. We have members in every country on earth, and operate in twelve languages. Our aim is to ensure that the views and values of the world's people -- and not just political elites and unaccountable corporations -- shape global decisions. Learn more at www.avaaz.org.

Interesses e passatempos: Human Rights, Justice, Peace, Non-Violence, Politics, Activism, Progressive Issues, Environmentalism, Multilateralism, Dialogue, Democracy

Site: <http://www.avaaz.org>

Atividade recente:

- AvaazOrg enviou um novo vídeo (2 semanas atrás)
- EFE Avaaz Swine Flu
- AvaazOrg enviou um novo vídeo (1 mês atrás)
- "Leadership" - Avaaz Mideast...
- AvaazOrg enviou um novo vídeo (2 meses atrás)
- Avaaz: Stop the Drones
- AvaazOrg enviou um novo vídeo (2 meses atrás)
- Petition delivery at the Y... During the Summit of the Americas, Avaaz sailed into the harbour at Port...
- AvaazOrg enviou um novo vídeo (2 meses atrás)
- EEN KLIMAAT ADVERTENTIE OM ...

Inscrições (25):

- robinUC
- haythamz...
- GOODMagazine
- Dominica...
- pinkyshow
- maxfrome...

Inscrever-se na página de vídeos de AvaazOrg

Vídeos (81)

Vídeos | Mais vistos | Mais comentados

Para todos os US
8 meses atrás
220048 exibições
AvaazOrg

Avaaz Burma Petition Delivery
1 ano atrás
3612 exibições
AvaazOrg

Stop the Clash '08 - Stop the Ob...
8 meses atrás
2092 exibições
AvaazOrg

Small Islands climate campaign
10 meses atrás
24600 exibições
AvaazOrg

The London Handshake - Give
1 ano atrás
26449 exibições
AvaazOrg

Al Gore/Avaaz/Live
2 anos atrás
196300 exibições
AvaazOrg

Avaaz.org - Climate Wake Up
2 anos atrás
103727 exibições
AvaazOrg

The London Handshake - Give
1 ano atrás
8938 exibições
AvaazOrg

The Bank
2 anos atrás
5347 exibições
AvaazOrg

My Vlog

The Bank
Ter 22 Mai 2007 14:11:47 PDT
Permalink

AVAAZ.ORG PROTEST OUTSIDE WORLD BANK
Ter 22 Mai 2007 14:05:55 PDT
Permalink